



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPO UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA
POLO MÃE DO RIO**

ANA MARIA LEAL DOS REIS NASCIMENTO

**A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA
APRENDIZAGEM: uma análise a partir do olhar de professores**

Mãe do Rio -PA

2018

ANA MARIA LEAL DOS REIS NASCIMENTO

**A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA
APRENDIZAGEM: uma análise a partir do olhar de professores**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Castanhal, pólo Mãe do Rio como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos

Mãe do Rio-PA

2018

ANA MARIA LEAL DOS REIS NASCIMENTO

A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA
APRENDIZAGEM: uma análise a partir do olhar de professores

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Castanhal, pólo Mãe do Rio como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Banca examinadora

Orientador: _____

Francisco Valdinei dos Santos Anjos
Doutor em Educação

Examinador: _____

Degiane de Sousa Farias
Doutora em Educação

Examinador: _____

Eula Regina Lima Nascimento
Doutora em Educação

Examinador: _____

João Batista Santiago Ramos
Doutor em Educação

Conceito: _____ Data: ____/____/____

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a todos quantos se
fizeram presente nessa fase acadêmica em
minha vida,*

Antônio Chaves e Maria Leal (meus pais)

Romário Nascimento (esposo)

Ana Clara e Ana Carolina (minhas filhas)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado o dom da vida e forças para prosseguir essa tão dura e agradável jornada.

A minha família que me auxiliou e meu deu todo incentivo para continuar meus estudos, principalmente aos meus pais por ter cuidado de minhas filhas enquanto estudava e a Romário Nascimento (esposo) pelo apoio e dedicação nesse momento.

A Universidade Federal do Pará por me oportunizar a entrada no curso de Pedagogia e aos professores presentes em minha trajetória acadêmica, em especial a Professora Dr^a. Eula Regina Nascimento por ter me incentivado a prosseguir no curso, mesmo com as limitações que a gravidez da minha filha casula ocasionou.

Ao meu orientador Professor Dr. Francisco V. Anjos quem me orientou durante a elaboração do TCC e foi peça fundamental durante esse breve percurso, assim como todos os outros educadores, que me proporcionaram conhecimento e abriram os horizontes da arte de ensinar.

As minhas duas filhas, Ana Clara e Ana Carolina, por existirem em minha vida e por me fazer desejar crescer mais e mais, a fim de poder desempenhar da melhor forma possível a arte de ser MÃE.

E a todos meus colegas de turma, pelas amizades construídas, debates, momentos divertidos, parceria, etc. que levarei para toda a minha vida, em especial Monica Arruda, Elizangela Lima, Manoel Travassos e o Izaelson Maciel, que estiveram presentes nesta jornada tantos nos momentos alegres quanto nos tristes.

A todos que contribuíam direta e indiretamente para a minha vida acadêmica.

*“A música é a arte de manifestar os
diversos afetos de nossa alma
mediante ao som”.*

(Paschoal Bona)

LISTA DE SIGLAS

CONAE: Conferência Nacional de Educação

ECA: Estatuto da Criança e Adolescente

LDB: Lei de Diretrizes e bases da Educação.

MEC: Ministério da Educação

PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais.

PNE: Plano Nacional de Educação.

RCNEI: Referenciais Curriculares Nacionais.

ANA MARIA LEAL DOS REIS NASCIMENTO. A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA APRENDIZAGEM: uma análise a partir do olhar dos professores. Fls. 78. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, Mãe do Rio, 2018.

RESUMO

Trata o presente estudo de uma pesquisa que teve como objetivo investigar de que maneira a musicalização contribui na aprendizagem na educação infantil. É um estudo que assume a abordagem qualitativa (BODGAN E BIKLEN, 1994) com princípio e a pesquisa de campo como mecanismo de realização do estudo (GIL,2007). Para a produção dos dados foi utilizado a entrevista estruturada com questões fechadas e abertas (SEVERINO, 2007) com quatro professores. Os dados serão analisados a partir da técnica de análise categorial temático, segundo Bardin (1977) e Franco (2008). Os autores de referência utilizados nesta pesquisa foram Sugahara (2016), Brito (2003/2010), Schroeder (2011), Jeandot (1999). A mesma aconteceu uma Unidade de Educação Infantil, na sede do município de São Miguel do Guamá-PA. O resultado da pesquisa demonstra que as professoras reconhecem a importância da música na /educação de crianças da Educação Infantil e que essa linguagem atua diretamente na questão da socialização e da cognição dos infantes. Apesar de assumirem o reconhecimento fica claro também que existem limitações oriundas da ausência de formação específica em relação a música o que limita o repertório das referidas processos, tanto em relação a compreensão do lugar e das possibilidades do ensino de música por meio de conteúdos próprios dessa linguagem, quanto em relação a operacionalização de práticas pedagógicas que assumam na música um dos contributos na formação integral das crianças.

Palavras-chave: Musicalização. Educação Infantil. Ensino-Aprendizagem.

SUMÁRIO

SEÇÃO – INTRODUÇÃO.....	10
1.1 – Justifica.....	12
1.2 – Problema.....	13
1.3 – Objetivos.....	14
SEÇÃO II– REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 – A Educação Brasileira.....	16
2.2 – A Arte e a Educação: um encontro necessário.....	20
2.2.1 – A Arte.....	20
2.2.2 – Arte/Educação: Contribuições para a Educação das crianças.....	23
2.3 – A música.....	27
2.3.1 – Aspectos da música Ocidental.....	27
2.3.2 – A música no contexto brasileiro.....	32
2.3.3 – A música como ferramenta pedagógica.....	34
2.4 – Caracterizações da Educação Infantil brasileira.....	38
2.4.2 – A música na Integral da criança	41
SEÇÃO III – Metodologia.....	46
3.1 – O Contexto da pesquisa: O Município de São Miguel do Guamá.....	49
3.2 – O Local da Pesquisa: E.M.I. Divino Espirito Santo.....	50
3.3 – Sujeitos da Pesquisa.....	51
SEÇÃO IV: Discussão e Análises dos Dados.....	53
Considerações Finais.....	67
Referências:.....	70

SEÇÃO I – INTRODUÇÃO

Em minha trajetória de vida, a música tem sido inseparável, na medida em que expressa processos formativos a partir desta linguagem desde a juventude. Nesse primeiro momento por meio da iniciação musical na Igreja Congregação Cristã no Brasil. Seguinte com a continuidade nas atividades da referida igreja que possibilitaram o aprofundamento na execução de instrumentos musicais, particularmente, o órgão, que é caracterizado por ser um instrumento musical da família dos aerofones e teclas, tocado por meio de um ou mais manuais e uma pedaleira.

O som deste instrumento musical é produzido pela passagem de ar comprimido através de tubos sonoros de diversos formatos, materiais e comprimentos e seus executores chamam-se organistas. Este instrumento encontra-se especialmente nas igrejas, de culto cristão católico e evangélico, mas também em teatros e salas de concerto, escolas de música e casas particulares. A partir deste instrumento musical me tornei organista, assumindo ao longo dos anos uma posição em defesa da prática desta linguagem artística como mecanismo potencializador da formação das crianças. Exemplo disso são as experiências dos últimos seis anos que tenho acumulado a frente das atividades dessa natureza com crianças na mesma igreja que outrora me oportunizou o acesso à música.

Segundo Anjos (2014) a arte é por excelência um mecanismo que amplifica as possibilidades do desenvolvimento humano. Na visão do referido autor, ao se referir Ferraz e Fusari (2009 p.18-19):

[...] a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem, e ao conhecê-lo. Em outras palavras, o valor da arte está em ser um meio pelo qual as pessoas expressam, representam e comunicam conhecimentos e experiências. [...] A escola, como espaço tempo de ensino e aprendizagem sistemático e intencional, é um dos locais onde os alunos têm a oportunidade de estabelecer vínculos entre os conhecimentos construídos e os sociais e culturais. Por isso, é também o lugar e o momento em que se pode verificar e estudar os modos de produção e difusão da arte na própria comunidade, região, país, ou na sociedade em geral. Deste modo, o aprendizado da arte vai incidir sobre a elaboração de formas de expressão e comunicação artística (pelos alunos e artistas) e o domínio de noções sobre a arte derivada da cultura universal.

Embora os autores em questão façam referência ao espaço escolar, é válido destacar que em muitos casos o acesso à arte, por meio da linguagem da música, da dança, do teatro, das artes visuais, não acontece neste ambiente, mas em outros

espaços, a exemplo dos religiosos, em Organizações Não-Governamentais – ONGs, em projetos sociais, etc.

Neste estudo terei a oportunidade de apontar não somente as experiências pedagógicas construídas com a música, assim como de fortalecer as discussões que reconhecem esta linguagem como contributo da humanidade e que, portanto, deve ser garantido como currículo¹ nos espaços escolares da Educação Infantil.

A música como expressões de nossos sentimentos como afetos, raiva, alegria entre outros, possibilita trabalhar com as emoções, além de ser usada para aquisição de outros saberes educacionais como na língua portuguesa, matemática, ciências entre outras.

A importância da música pode ser vista como meio facilitador do desenvolvimento da aprendizagem, mas também como um elemento fundamental para a formação do ser humano, pois está presente desde o nascimento até a morte, ou seja, o bebê já tem contato com a música no ventre da sua mãe, faz parte das brincadeiras infantis, das construções de seus afetos e de suas emoções em vários momentos dos ciclos vitais desde a infância passando pela juventude e chegando a velhice.

Assim como na família a instituição escolar também pode cumprir um papel decisivo na formação dos sujeitos da educação. O fato das professoras cantarem as cantigas na chegada dos alunos, na hora do lance trouxe uma inquietação para saber se as professoras cantam por cantar ou cantam por entenderem que a música auxilia na aprendizagem dos alunos. Hoje no contexto escolar o que se percebe são as repetições constantes dessas cantigas de forma descontextualizada e sem uma finalidade pedagógica e sem sentido para crianças.

A musicalização não é só para formar um músico ou uma musicista, mas pode ser usada como ferramenta pedagógica para desenvolver aspectos comportamentais, hábitos, diversidade cultural e a interdisciplinaridade e de acordo com a faixa etária inserir noções musicais. Como afirma Brito,

¹ O Currículo segundo Tomaz Tadeu da Silva (2007) é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo. As teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que “esses conhecimentos” e não “aqueles” devem ser selecionados.

[...] Importa, prioritariamente, a criança, o sujeito da experiência, e não a música como muitas situações de ensino musical consideram. A educação musical não deve visar a formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim a formação integral das crianças de hoje (2003, p.46).

Por meio da música é possível também acessar a cultura, a memória de uma comunidade, a história de um povo, bem como de conhecer pontos de vistas expressos, por exemplo, por meio de textos que são musicalizados. E tempos de guerra, de crise, de tormenta muitos artistas usaram a música para expressar tais circunstâncias e gravar na história da humanidade esses tempos.

Essas primeiras incursões abrem possibilidades de pensar cientificamente a música como objeto de pesquisa capaz de problematizar aspectos do processo educativo de crianças. Por essas e outras razões que esse estudo justifica-se, como veremos a seguir.

– Justificativa

Existem três dimensões consideradas fundamentais para justificar a realização de um estudo no contexto da universidade, são elas: pessoal, acadêmica e social.

Quanto à relevância pessoal, a música faz parte da minha vida, pois sou musicista há mais de 10 anos e por ter duas filhas pequenas que gostam de música, percebi como elas aprendem por meio das canções infantis, o que provocou reflexões sobre os benefícios que a música traz para a aprendizagem, me levando a investigar sobre o tema em questão. Por meio desse exercício de produção do conhecimento científico será possível também ampliar minha compreensão acerca dessa linguagem que tem como fundamento a empiria, ou seja, terei maiores possibilidades de produzir reflexões que congregam a experiência prática e as produções sobre criança, infância, educação Infantil, arte e música.

No que tange a relevância acadêmica, a música como elemento fundamental para a formação do indivíduo deveria estar em discussão na academia e no currículo dos futuros docentes. Já na educação infantil a partir desta da pesquisa procuro

trazer vivências atuais de como a música vem sendo trabalhada na escola e sua importância para o ensino. É necessário fomentar no interior das universidades as discussões que reconhecem as linguagens artísticas como campos de conhecimento e que, portanto, contribuem para a formação das futuras gerações.

Em se tratando da relevância social, muitas pessoas ainda concebem uma visão tradicional do ensino, por isso quando se deparam com novas práticas pedagógicas como a utilização da música como meio facilitador da aprendizagem, não adotam essas metodologias de ensino, em função da compreensão equivocada acerca das possibilidades pedagógicas dessa linguagem. Por isso se faz necessária saber como a música está sendo inserida no processo de ensino e aprendizagem, pois como produção cultural da humanidade, desde os primórdios, a música deve servir de referência curricular para que possamos avançar em termos sociais por meio dos processos de escolarização.

Imbuídos de fortalecer esse debate, nos colocamos a responder o seguinte problema de pesquisa:

– Problema

A música está presente em vários momentos da vida do ser humano, antecedendo até mesmo a fala, como uma linguagem que pode auxiliar na aprendizagem e ajudar na formação da criança. Nesse sentido, nos propomos a responder a seguinte indagação: **De que maneira a música contribui na aprendizagem na educação infantil?**

– Objetivos

Geral

- Investigar de que maneira a música contribui na aprendizagem na educação infantil.

Específicos

- ✓ Descrever as experiências docentes com a educação musical na Educação Infantil.
- ✓ Identificar as contribuições da educação musical no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças na Educação Infantil;
- ✓ Identificar as contribuições da educação musical no processo de socialização das crianças na Educação Infantil;
- ✓ Analisar os desafios para garantir o ensino de música na Educação Infantil.

Mediante aos objetivos aqui traçados enveredamos por um processo de produção do conhecimento que, no caso deste estudo está organizado da seguinte maneira: Na Seção I – Introdução, apresentaremos a temática, o objeto o problema e os objetivos da pesquisa além de destacar a relevância pessoal, acadêmica e social da pesquisa. Na seção II – Referencial teórico, destacamos algumas discussões sobre Educação, Arte, Educação Infantil e Música e seu ensino. Na seção III traçamos a rota metodológica com base nas questões de abordagem, tipo de estudo, técnica de produção e análise de dados, contexto, local e sujeitos da pesquisa. Na IV e ultima seção apresentamos as discussões e análises dos dados com base no corpus produzido na pesquisa de campo, que visa responder aos objetivos traçados previamente. Por fim, apresentamos as considerações finais, referências e apêndice.

SEÇÃO II – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 – A Educação Brasileira

A educação brasileira iniciou-se em 1549, com a chegada dos padres Jesuítas, liderados pelo padre Manoel da Nóbrega (1517-1570), que fundou o Colégio São Paulo na aldeia Piratininga, em São Paulo. Iniciaram também a catequese sobre os indígenas e monopolizaram o ensino até 1759 quando, querendo mudanças em Portugal e no Brasil, o Marquês de Pombal empreendeu diversas reformas, dentre elas a expulsão dos jesuítas (OLIVEIRA, 2012).

Durante muito tempo os jesuítas foram os únicos educadores do Brasil, embora tivesse criado diversas escolas de ler, contar, escrever a maior prioridade era a escola secundária, que oferecia um ensino de excelente qualidade. Após a expulsão dos jesuítas, a organização do sistema educacional fracassou, no qual Niskier (2001, p. 34) colocou que:

A organicidade da educação jesuítica foi consagrada quando Pombal os expulsou levando o ensino brasileiro ao caos, através de suas famosas 'aulas régias', a despeito da existência de escolas fundadas por outras ordens religiosas, como os Beneditinos, os franciscanos e os Carmelitas.

A vinda da família real ao Brasil (1808) trouxe novas mudanças na educação, pois, a fim de atender as necessidades da corte portuguesa, D. João VI abriu Academias Militares, Escolas de Direitos e de Medicina, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico e também a Imprensa Régia. Sobre as mudanças na educação Azevedo (1964, p. 562) retrata que:

[...] limitou-se D. João VI a criar escolas especiais, montadas com o fim de satisfazer o mais depressa possível e com menos despesas a tal ou qual necessidade do meio a que se transportou a corte portuguesa. Era preciso [...] prover à defesa militar da Colônia e formar, para isso, oficiais e engenheiros, civis e militares: duas escolas vieram atender a essa necessidade fundamental, [...] a Academia de Marinha e [...] a Academia Real Militar [...]. Eram necessários médicos e cirurgiões para o Exército e a Marinha: criaram-se então, [...], na Bahia, o curso de cirurgia que se instalou no Hospital Militar e, no Rio de Janeiro, os cursos de anatomia e cirurgia a que acrescentaram [...] os de medicina, e que [...] constituíram com os da Bahia, equiparados aos do Rio, as origens do ensino médico no Brasil (AZEVEDO, 1964, p. 562).

No período Imperial, com a volta a D. João VI a Portugal, seu filho D. Pedro I proclamou a independência do Brasil, e em 1822 surgiu a primeira Constituição brasileira. Surgiu também o Método Lancaster ou do "ensino mútuo" na tentativa de suprir a falta de professores. Manacorda (2004, p. 256-261) ao se referir ao Método diz que no sistema lancasteriano cada grupo de alunos formava uma classe ou círculo, onde cada um tinha um lugar definido pelo nível do seu saber. À medida que o aluno ia progredindo, mudava seu posicionamento na classe ou círculo. O sistema era rígido, controlado por uma disciplina severa.

Em 1826 por meio de decreto são instituídas as pedagogias, Liceus, Ginásios e Academias. Do período de 1827 a 1837, foi expandida a pedagogia para as cidades e vilas e também a criação de escola para meninas. Em 1834 foi criado o Ato Adicional em que as províncias ficariam responsáveis pelo ensino primário e secundário e também o Colégio Pedro II que serviria de modelo para o ensino secundário. Sobre a Lei de 15 de outubro de 1827 destaca-se que:

D. Pedro I, por Graça de Deus e unânime aclamação dos povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil: Fazemos saber a todos os nossos súditos que a Assembléa Geral decretou e nós queremos a lei seguinte:

Art. 1º Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessárias.

Art. 11. Haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento.

Art. 15. Estas escolas serão regidas pelos estatutos atuais se não se opuserem a presente lei; os castigos serão os praticados pelo método Lancaster.

Após o fim do Período Imperial, o Brasil passa por um novo momento histórico, chamado República Velha, na qual Benjamin Constant ao reformar a Educação do ensino primário e secundário, considerou os princípios da liberdade e laicidade do ensino, como também a gratuidade da escola primária. A reforma visava transformar o ensino em formador de alunos para os cursos superiores e também buscava substituir a predominância literária pela científica, com a implantação de matérias científicas.

Os primeiros passos para a organização da educação pública ocorreu apenas em 1920, em que ocorreram os movimentos em prol da escola pública, universal e gratuita, esse movimento ficou conhecido como Escola Nova, tendo

Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Manuel Lourenço Filho como líderes do movimento e em 1932, 26 intelectuais assinam o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”. Na era Vargas surge, mudanças mais modernas na educação, na nova constituição de 1934 a educação é considerada direito de todos, devendo ser responsabilidade das famílias e dos poderes públicos. No Artigo 149 da constituição de 1934 consta que:

Art 149. A educação é direito de todos e deve ser ministrada, pela família e pelos poderes públicos, cumprindo a estes proporcional-a a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no país, de modo que possibilite efficientes factores da vida moral e económica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana.

No período intitulado de Estado Novo foi outorgada à nova constituição 1937, de acordo com Ghiraldelli Jr. (2009), “a legislação foi bem clara: a escola deveria contribuir para a divisão de classes e, desde cedo, separar pelas diferenças de chances de aquisição cultural, dirigentes e dirigidos”. O ministro Gustavo Capanema também fez algumas reformas que foram nomeadas de Leis Orgânicas do Ensino.

O fim do Estado Novo e o começo da República nova adotou-se uma Constituição com ideais liberais e democráticos, em que no âmbito da educação tornou-se obrigatório cumprir o ensino primário, também fica a cargo da União legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional. Nesta nova lei a educação torna-se direito de todos. A discussão sobre as diretrizes perduram por 13 anos, sendo sancionada a Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961, durante o governo João Goulart.

Em 1964 os militares assumem o poder criando um regime de ditadura, em que a educação sofre um retrocesso, mas também neste período foi criado, pela Lei nº. 5.379, de 15 de dezembro de 1967, o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAF –, como prosseguimento das campanhas de alfabetização de adultos iniciadas por Lourenço Filho, porém com ideais diferentes.

A Constituição de 1988, promulgada após diversos movimentos pela redemocratização do País, nesta nova constituição tem-se como foco na educação a universalização do ensino fundamental e erradicação do analfabetismo. E em 1996 foi promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB, sendo

orientada pelos princípios, diretrizes e normas estabelecidos na Constituição de 1988, na qual define e regula o sistema brasileiro de educação.

A LDB ao definir e regular o sistema brasileiro de educação, garantiu o direito da população ao acesso a educação gratuita e de qualidade, em que consta no Art. 2º “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Além dos princípios também especifica os níveis e modalidades do ensino, enfim a lei abrangendo os aspectos da organização da educação nacional.

A educação brasileira apesar dos avanços ainda enfrenta muitos desafios, devido ao fato de que o direito a educação de qualidade ainda não foi garantido a todas as pessoas, como conta na constituição Federal de 1988. Esses desafios foram discutidos na Conferência Nacional de Educação/Conae (2014, p.13).

A garantia do direito à educação de qualidade é um princípio fundamental para as políticas e gestão da educação, seus processos de organização e regulação, assim como para o exercício da cidadania. Apesar dos avanços nas políticas e gestão da educação nacional, o panorama brasileiro é marcado por desigualdades regionais no acesso e permanência de estudantes à educação, requerendo mais organicidade das políticas educacionais, por meio da construção do Sistema Nacional de Educação (SNE) e do PNE como políticas de Estado.

Segundo o Conae/2014 “a baixa média geral dos anos de estudo da população brasileira estabelece interfaces com o abandono dos estudos e com o percentual da população que não conclui o ensino fundamental e o ensino médio.” O desafio está em não somente promover o acesso à educação, mas na permanência destes alunos na escola e ofertar um ensino de qualidade.

Quando pensamos nesses desafios vêm à baila questões muito discutidas na atualidade, como formação dos professores, condições de trabalho, valorização profissional, estrutura predial e material necessários ao processo de ensino e aprendizagem, garantia de alimentação escolar dos educandos, além das questões de ordem social que implicam diretamente no que a escola consegue concretizar, de fato, como processo educativo. Além desses existem poucas que aparecem com pouca evidência, pois como afirma Anjos (2014) em um país cujas condições elementares que garantem a dignidade humana são negadas, pensar questões

como o ensino da arte ou particularmente da música parece ser supérfluo. Ainda de acordo com o autor em questão não podemos negar o direito de cada brasileiro de se alimentar, de ingressar e permanecer com sucesso na escola, além de acessar aos bens produzidos historicamente e que são concebidos como cultura e como expressão artística da humanidade. Portanto, tanto o que é colocado como prioridade no cenário atual quanto o que é invisibilidade - ensino das linguagens artísticas – deve ser garantido, posto que se a comida alimenta o corpo, já arte alimenta a alma.

2.2– A Arte e a Educação: um encontro necessário

Autores como Anjos (2014), Barbosa (2009), Fusari e Ferraz (1992) e Saraiva (2013) são ferrenhos em relação ao entendimento de que a educação escolar é um espaço de excelência para o encontro entre campos de conhecimento. Por essa razão entendem que arte e educação são dos campos que possuem potencial indiscutível na formação das futuras gerações e que, portanto devem ser colocados em constante diálogo. Com base nesse entendimento passamos a traçar algumas considerações relacionadas à arte e seu papel na educação de crianças com destaque a linguagem da música.

2.2.1 – A Arte

O termo arte é derivado do latim “*ars*”, e tem sentido de origem grega de arte manual, ofício, habilidade, obra, significando um conjunto de regras que conduzem a atividade humana (TABOSA, 2005).

Vários são os conceitos empregados para a Arte, entre eles, Azevedo Junior (2007) define-a como uma experiência humana de conhecimento estético, transmitindo e expressando ideias e emoções, sendo dessa forma, fundamental para que as pessoas aprendam a observar, a analisar, a refletir, a criticar e a emitir opiniões fundamentadas sobre gostos, estilos, materiais e modos diferentes, ou seja, a arte é uma forma de expressão humana, tendo em vista que a mesma transmite

características e conceitos inerentes ao homem e sua cultura, no sentido que por meio dela ele consegue expressar suas ideias, sensações e sentimentos, servindo como uma forma de comunicação.

Barbosa (2009, p. 21) entende a Arte como uma linguagem que representa os sentidos, transmitindo significados que não podem ser transmitidos por meio de nenhum outro tipo de linguagem, a exemplo das linguagens discursivas e científicas. A autora ainda reforça que a Arte é uma forma de comunicação, permitindo que o indivíduo expresse seus sentimentos, suas emoções, suas ideias e também suas vivências. Porém, deixa bem claro que haverá comunicação apenas se o receptor conseguir entender a mensagem.

Para Martins, Picosque & Guerra (1988), a Arte tem como objetivo principal proporcionar ao ser humano autoconhecimento, mergulhando dentro de si próprio e percebendo suas próprias emoções diversas, podendo também externá-las a terceiros.

Cada sociedade conceitua a Arte de acordo com base na sua cultura, pois este é um conhecimento que vem sendo construído ao longo dos anos, conforme afirma Coli (1995):

[...] é importante ter em mente que a ideia de arte não é própria a todas as culturas e que a nossa possui uma maneira muito específica de concebê-la. Quando nos referimos à arte africana, quando dizemos arte Ekoi, Batshioko ou Wobé, remetemos a esculturas, máscaras realizadas por tribos africanas da Nigéria, Angola ou da Costa do Marfim: isto é, selecionamos algumas manifestações materiais dessas tribos e damos a elas uma denominação desconhecida dos homens que as produziram. Esses objetos, culturais não são para os Ekoi, Batshioko, Wobé, objetos de arte. Para eles, não teria sentido conservá-los em museu, rastrear constantes estilísticas ou compor análises formais, como nós fazemos, porque são instrumentos de culto, de rituais, de magia, de encantação. Para elas não são arte. Para nós, sim.

A arte pode ser considerada de maneira diferente por cada cultura, o que é considerado arte para uma determinada cultura pode não ser para outra, como, por exemplo, temos as peças marajoaras que são concebidas por nós como arte, porém para as tribos indígenas esses artefatos faziam parte do seu cotidiano e dos rituais religiosos, como, por exemplo, nos rituais de fertilidade, nas cerimônias de funeral, no que se refere aos estudos sobre a arte marajoara Schaan (2007 pg. 104).

[...] Nos museus, a cerâmica acaba considerada como objeto que é parte do dia-a-dia de determinado grupo social. Quando se escava um sítio, no

entanto, se percebe que a cerâmica decorada é apenas 10% do que se produzia em termos de panelas e outros utensílios. Ou seja, a cerâmica decorada era utilizada apenas em festas, cerimônias e rituais; não era a louça do cotidiano. Além disso, outros objetos feitos de penas, ossos, madeiras, peles, tecidos ou fibras vegetais eram também usados, com importância igual ou superior à cerâmica, quem sabe, mas não podemos estudá-los, pois não resistiram ao tempo.

A arte surgiu com os primórdios da humanidade, revelando-se com suas primeiras ações, principalmente através de seu trabalho, condição necessária para sua sobrevivência, em que o homem utiliza a natureza transformando-a. As pinturas rupestres, também caracterizavam essas primeiras formas de ação, demonstrando que no homem do primitivo havia interesse em se expressar de maneira diferente. A arte foi e é utilizada como uma tentativa de transformação da natureza (FISCHER, 1983).

A arte dos povos primitivos apresentava fins utilitários. Os objetos produzidos tinham em sua maioria utilidade, material, cotidiana ou mágico-religiosa. Essas ferramentas, armas ou figuras evolviam situações cotidianas que tinham como objetivo ajudar a garantir a sobrevivência (VAZQUEZ, 1978).

Conforme Santos (2013), a arte no período primitivo pouco tinha a ver com a produção de beleza, pois o homem ainda não havia desenvolvido a percepção estética. A pintura nessa ocasião tinha um efeito mágico, fazendo-o acreditar que ao reproduzir a imagem do animal que desejava abater, obteria poder sobre ele. Era, portanto, uma arte realista, já que, o homem primitivo acreditava que quanto mais a pintura se assemelhasse ao animal real mais efeito teria.

Muitos rituais praticados pelas tribos primitivas tinham o propósito de protegê-los de sons produzidos pela natureza. Os mais variados ritmos entram em contato com a consciência do homem assim como os sons produzidos pelas ferramentas de trabalho ao entrar em contato com os materiais, esses ritmos produzidos no trabalho tornam mais eficaz e mais fácil à atividade laboral, provocando uma sensação de prazer, dando compasso aos movimentos do trabalho. Nesse momento, entretanto, o ritmo ainda é apenas um componente da vida cotidiana, mais tarde, por meio de danças rituais, cantos e música, que também tem sua atividade original voltada para necessidades práticas, ele começa a se tornar uma reflexão estética. O ritmo passa, assim, da natureza para o trabalho, e do trabalho para a arte, atribuindo a ela especificidades (PLEKHANOV, 1964).

As danças tribais antes de uma caçada têm por objetivo aumentar o poder do caçador, a pintura e os gritos de guerra ajudam a aumentar o poder do guerreiro contra o animal. Muitas danças são simples imitação dos movimentos dos animais, ou dos movimentos realizados na atividade da caça e da agricultura. Essas danças ajudam a preparar os homens para a caça e tem função de passar experiência, visto que as crianças ao imitar os movimentos dos adultos vão adquirindo conhecimento dessa atividade. As danças também são a expressão do prazer que a atividade laboral causa no homem primitivo, quando os nativos reproduzem na dança os movimentos dos animais o fazem também pelo desejo de sentir novamente o prazer causado pelo uso da força durante a caça (SANTOS 2013).

Se a arte é expressão da existência humana, do cotidiano, assim também como pode ser expressão do devaneio, da reflexão crítica sobre a realidade, a aproximação com a cultura, logo ela tem um papel indiscutível no processo educativo das crianças. É por esta razão que reconhecemos no encontro da arte com a educação um movimento que contribui em demasia na educação das crianças, como veremos a seguir.

2.2.2 – Arte/Educação: contribuições para a educação das crianças

No sistema educacional brasileiro foi apenas em 1970 que a Arte foi incluída como disciplina obrigatória no currículo escolar, inicialmente chamada de Educação Artística, sendo seus componentes curriculares o ensino da música, teatro e artes visuais, no qual o professor deveria ensinar as diferentes linguagens artísticas, embora a sua formação não abrangessem tais áreas deveria mesmo assim atender.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996), torna obrigatório o ensino de Arte nas escolas de Educação Básica, com componente curricular igual as demais disciplinas, no qual consta no Artigo 26, § 2º “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte - PCNs (1998) também colocam no mesmo patamar das demais disciplinas do currículo, objetivando orientar os currículos do Ensino Fundamental I e II e do Ensino médio. Possivelmente os

PCNs representam em termos de política curricular o momento em que a arte a parti de cada linguagem ganhou maior espaço no contexto escolar.

Os PCNs consideram a necessidade de conhecimentos que possibilitem ao aluno estar em contato com a “diversidade das formas de Arte e concepções estéticas da cultura regional, nacional e internacional: produções, reproduções e suas histórias” (BRASIL, 1998, p. 57).

De acordo com o documento supracitado o ensino da Arte foi dividido em: Música, Artes Visuais, Teatro e Dança, sendo que o documento oficial deixa claro que pela falta de formação específica dos professores, não são feitas diferenciações do conteúdo por ciclos, mas fica a cargo do professor fazer as variações artísticas durante os trabalhos que serão realizados.

De acordo com Ferraz e Fusari (1992 p.37) a educação por meio da arte proporciona uma aprendizagem em que segue o desenvolvimento natural do ser humano, envolvendo além dos aspectos cognitivos também os aspectos sociais, perceptivos, físicos, emocionais e psicológicos. A importância da arte na educação consiste, em “diferentes métodos de ensino para desenvolver de forma livre e flexível, a sensibilidade e a conscientização de todos os sentidos (ver, sentir, ouvir, cheirar, provar), realizando assim uma interação do sujeito”.

As artes visuais possuem a visão como principal meio de percepção, sendo está umas das formas de linguagem do ser humano. De acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Arte (1997, p. 45):

As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, desempenho).

A educação em artes visuais, o professor deve propiciar aos alunos um leque de informações relacionadas aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história desde os primórdios até os dias atuais. No entanto, para que ocorra essa dinâmica a escola deve colaborar de modo que os alunos possam ter a experiência de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal.

Na educação visual deve considerar a individualidade dos alunos, pois cada criança tem uma maneira de aprender e criar, no qual a criação e a percepção envolvem o trabalho com os diversos elementos. Criar e perceber formas visuais implica trabalhar frequentemente com as relações entre os elementos que as compõem, tais como ponto, linha, plano, cor, luz, movimento e ritmo.

E se tratando do teatro, a arte no decorrer da história tem sido considerada um importante instrumento da educação, no contexto histórico o teatro foi oficializado pelos gregos, o espaço cênico surgiu como demonstração de cultura e conhecimento, deixando de ser espaço apenas dos rituais religiosos.

De acordo com os PCNs de arte, o teatro “é, por excelência, a arte do homem exigindo a sua presença de forma completa: seu corpo, sua fala, seu gesto, manifestando a necessidade de expressão e comunicação”.

O ato de dramatizar está dentro de cada um, pois desde criança aparecem as dramatizações, exemplo, quando uma criança brinca com a boneca de mãe e filha, ela assume o papel de mãe, executando uma dramatização de maneira informal, que por meio do imaginário ela contextualiza a sua realidade. Ainda no que se refere ao teatro, este tem como fundamento a experiência de vida: ideias, conhecimentos e sentimento. A sua ação é a ordenação desses conteúdos individuais e grupais.

A escola tem um papel de suma importância para o processo de desenvolvimento da arte cênica dos alunos, pois sempre estão brincando de faz-de-conta, no qual o professor deve propiciar meios para desenvolver essa linguagem, pois o teatro no processo de formação da criança vai além da função integradora, oportuniza meios para que ela se aproprie criticamente dos conteúdos.

A dança faz parte das diferentes culturas, pois sempre esteve presente nos rituais religiosos, nas atividades de lazer entre outros. O nosso corpo é motriz, por isso toda ação humana envolve a atividade corporal. A atividade física faz parte do cotidiano, pois o ser humano está sempre em movimento, nas crianças movimento é necessário para que a criança desenvolva suas capacidades motoras, afetiva e cognitivas. Ao correr, pular, saltar, subir, etc. a criança está conhecendo a si e formando sua autonomia. Por isso é muito importante a dança na educação, pois por intermédio dela a criança consegue entender melhor o seu corpo e desenvolve a capacidade de movimento.

A música sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época. Atualmente, a diversidade musical é intensa, em que as referências musicais se expandiram, pois devido ao desenvolvimento tecnológico as pessoas tiveram acesso às produções mundiais por meio de discos, fitas, rádio, televisão, computador, jogos eletrônicos, cinema, publicidade, etc. E na escola essa realidade não é diferente, no entanto, ao falar sobre a educação musical nas escolas públicas Fonterrada (2015 p. 16) diz que:

No caso da educação básica, a presença da educação musical é quase inexistente, exceção feita a algumas escolas acolhem propostas musicais em seus currículos. Mas, mesmo nos casos em que se registra da presença da música, até onde se conhece, as práticas musicais criativas não aparecem com frequência aos currículos escolares.

Nas escolas públicas brasileiras, salvo algumas exceções a música ainda não está sendo trabalhada satisfatoriamente, devido ter poucos profissionais habilitados para desenvolver a linguagem musical, o atual currículo na educação básica ainda não possibilita tempo suficiente para a prática musical, falta de estrutura adequada e falta de materiais (salas apropriadas, equipamentos sonoros e instrumentos musicais). Loureiro (2003) ao se referir a música como disciplina escolar elucida que:

O fato é que se há música como disciplina escolar, pouco tempo é reservado para a sua prática, a não ser como recreação ou como recurso didático, auxílio imediato para a promoção de festas escolares ou para minimizar as dificuldades no processo de ensino e de aprendizagem.

Na maioria das escolas onde há o ensino de música, os professores continuam reduzindo essa disciplina à realização de atividades lúdicas, com aspectos agradáveis, em que o produto final é mais importante do que o processo de aprendizagem que busca, como objetivo, a aquisição de um novo conhecimento. A música como atividade educativa, quando inserida no contexto escolar, encontra ainda, como foi apontado ao longo deste trabalho, uma série de limitações, tais como carência de material músico-pedagógico, salas inadequadas, tempo disponível reduzido, além de turmas numerosas e heterogêneas.

Outro aspecto sobre as dificuldades na educação musical é a forma como os professores vêm trabalhando a música em sala de aula, apenas em recreação e nas atividades lúdicas, no entanto a educação musical não se resume a estas atividades apesar de estar presente em ambas.

Gomes (2015) considera que mesmo com a incorporação do lúdico na educação musical, não é raro observar que alguns professores o fazem de modo

inadequado, sem refletir sobre os objetivos dessa prática dentro do contexto escolar, reproduzindo as atividades sem adaptações ou alterações e sem refletir sobre seu papel dentro das aulas. Devido a esse fator a autora ainda destaca a importância do planejamento das aulas para que assim se consiga alcançar os objetivos propostos.

Nesse sentido nos perguntamos, mas afinal o que é a música? Para responder a essa indagação apresentamos o subitem 2.3.

2.3– A música

Não é possível explicar a música sem uma caminhada pela história da humanidade que dependo da cultura, do contexto, do tempo irá assumir esta ou aquela compreensão. Nesses termos, iremos tomar como base as referências da cultura ocidental, bem como, particularmente, da brasileira para apresentar questões que consideramos relevantes para o debate em torno do ensino da música na Educação Infantil. Embora seja utilizamos essas referências geográficas e culturais, etc. reconhecemos que existem outras vinculadas a povos de outros contextos geográficos e com marcadores culturais distintos.

2.3.1 – Aspecto da música ocidental

Para a produção desta subseção tomamos como referência produção de Maristella Pinheiro Cavini (2011) intitulada História da Música Ocidental: uma breve trajetória desde a Pré-História até o século XVII.

O primeiro (século IV ao XIV) apresenta uma estética musical pré-racional, com tendência espiritual, onde a música era um elo de comunicação entre os homens e Deus.

Na Grécia a música era vista como parte da ciência, compreendida como a união entre a poesia e a dança, sendo usada para prazer espiritual, deleite e relações com o aspecto moral, caráter (*Ethos*), guerra e magia. A palavra música é de origem grega e significa “arte das musas”, pois na Grécia antiga as

musas eram consideradas deusas que presidiam as Artes Liberais e as Ciências.

A Ásia Menor, Trácia, os Bárbaros entre outros povos, tiveram grande influência sobre a música Grega, sendo que todas as manifestações e instrumentos provinham de influência externa. No entanto no campo educacional, filosófico e teórico, a Grécia teve um papel fundamental, pois criou várias escolas de música e leis sobre o tema, foi também a responsável pela criação de um sistema musical chamado *Teleion*.

A Grécia desenvolveu, dentre outras coisas, um dos elementos mais importantes do pensamento musical: raciocínio matemático [...]. Segundo Pitágoras, matemática e música eram parte uma da outra, e nessa relação estava a explicação para o funcionamento de todo o universo. A música é então considerada fonte de sabedoria, indispensável a educação do homem (LOUREIRO, 2003, p. 35)

Segundo Cavini (2011) na educação grega a música era imprescindível, com o objetivo de equilibrar o indivíduo e também sua teoria musical estava fortemente ligada à matemática, à astronomia e ao misticismo.

Em 146 a.C. a Roma domina a Grécia, e a partir desta data começa a florescer a música e arte, apesar de sucumbir aos domínios do povo romano foi a Grécia quem impôs sua cultura ao povo romano devido a sua superioridade.

No começo do Cristianismo a música vocal era cantada em catacumbas, devido às perseguições religiosas, os cristãos praticavam os cultos escondidos, no qual essa situação perdurou até aproximadamente no ano 313. As guerras e a conquista do império Romano, trouxeram muitas influências para a música. Os salmos judaicos, cantos da igreja católica e música de outros povos cristianizados serviram de base para o canto Gregoriano, cantochão ou canto plano (*Cantus Planus*), que posteriormente serviu de base para a Polifonia. Ainda sobre os cultos cristãos Cavini (2011 pg. 76) diz que:

Dessa maneira, a dança e instrumentos musicais provavelmente faziam parte do culto dos primeiros cristãos, mas, com as perseguições, as comunidades cristãs foram obrigadas a serem mais discretas, realizando os cultos nas catacumbas, em lugares secretos, sem muita ostentação.

O papa Gregório I foi o responsável pela expansão do cristianismo e pela sistematização do canto para as diversas igrejas e também criou a Schola

Cantorum. O canto gregoriano é usado até hoje nos mosteiros, e ainda permanece a mesma estrutura grafada em quatro linhas.

Os representantes da igreja católica prestaram um valoroso apoio à investigação e ao ensino musical [...] A schola cantorum criada e dirigida por São Gregório Magno, desenvolveu o ensino do canto como recurso de exaltação a paixão religiosa (LOUREIRO, 2003, p. 38).

Com o enfraquecimento do canto gregoriano surge o moteto gótico que vai direção à música profana. A Escola de Notre Dame, principal escola e centro de difusão de ideias polifônicas, abrigaram grandes músicos como os mestres Léonin e Pérotin, mais as contribuições dos ingleses que traziam as experiências contrapontísticas do gymel e do fá-bordão.

A presença da Música não religiosa, chamada profana, é de vital importância. Era a poesia lírica popular ou aristocrática, cantada nos castelos e nas aldeias. Em contraposição ao canto gregoriano rigorosamente homófono, cantado pelos monges, a música profana introduziu as primeiras experiências com a Polifonia, cantada pelo povo e a nobreza.

O homem usava a música para veneração de Deus, mas também para canta o amor, a beleza, a natureza, para o que o cerca, sendo os principais temas da Música profana: amor, épicos, báquicos, cavalaria e cruzadas e este será o sentido que explodirá na Renascença, mais tarde. O trovadorismo foi o maior responsável pelo despertar da Música profana. Os trovadores apareceram no Sul da França, na Provença, em meados do Sec. XI até o Sec. XIII. Eram nobres, falavam dialetos e chamavam-se Troubadours, na Alemanha, os trovadores eram os Minnesänger e os burgueses, Meistersinger (mestres-cantores) e baseavam seus cantos na canção popular e na poesia dos Vaganten (vagantes) que eram estudantes universitários, entre as quais encontram escritos da Carmina Burana.

Na Pré-Renascença o homem já começava voltar olhar para si mesmo, deixando-se influenciar pela música profana, mas sem se afastar da influência da igreja. Foi também influenciado pelos aspectos sociais, morais, econômicos, governamentais, pelas Guerras, pelas navegações, pelo princípio da queda do feudalismo e o realismo político e filosófico.

A música profana ganha espaço e recebe um tom profissional aliado as

danças, influenciando também a música erudita eclesiástica. Exemplo disso é o flamenco. O termo flamenco vem da região que compreende Paris, os compositores desta "Escola Franco-Flamenga" se servem de melodias populares e seus textos, às vezes eróticas e até obscenas, para comporem Missas e música litúrgica e profana.

Renascimento revive a antiguidade clássica greco-romana, retomando as músicas polifônicas, sendo que nesta época a arte vocal a *capella* atinge seu auge. Também ocorre a separação definitiva da música religiosa e profana, sendo que a música profana a *capella* faz grande revolução vocal e instrumental, que resulta de início no melodrama e posteriormente na ópera.

No período da reforma, a música voltou para dentro das igrejas, mas com a participação do povo e a diversidade musical, nesta época era intensa, visto que muitos ainda permaneciam fieis a igreja católica e outros não, havia música profana, católica e protestante entre outras influencias. Sobre essa diversidade cita-se o regente Orlandus Lassus [Roland de Lattre], (1530-1594) que atuou da capela da Corte de Munique (catolicismo romano) e escreveu muita música profana (humorísticas e eróticas, inclusive). Na Inglaterra a Música Profana se desenvolveu muito mais, pois não teve muita interferência, já na França e Holanda, os instrumentos foram banidos da Igreja Calvinista, ficando apenas o órgão.

Lutero foi muito importante na reforma, pois criou coral luterano com melodias sacras, popular cantada pelo povo na sua própria língua. A contra reforma surgiu com o nascimento da companhia de Jesus e o concílio de Trento, este movimento realizado pela igreja católica, foi muito importante em vários pontos e também para a música, pois nesta época havia a preocupação com o entendimento das mensagens sacras cantadas pelos corais. Devido a isto houve uma mudança, ficando apenas a música a *capella*, sendo permitida apenas uma introdução chamada prelúdio. Giovanni Pierluigi da Palestrina (1525-1594) foi o maior representante desse movimento. No que se refere às escolas Fonterrada (2005) afirma que:

Essas escolas, nascidas na Itália, continuam, até certo ponto, a prática de formar músicos para as igrejas, mas, enquanto condicionadas ao

repertório, certamente se modificam e se adaptam à época, com coros maiores e mais equilibrados do que os de épocas anteriores (FONTERRADA, 2005, p. 38).

Nesta época o concílio tentou reestabelecer o canto gregoriano com a proibição da polifonia e dos textos profanos, no entanto a música Palestrina já era unânime.

No Barroco surgiu às homofonias, uma nova expressão musical em que havia a hegemonia da voz solista, com forte presença dos instrumentos, a ópera ganha espaço, sendo um dos seus maiores representantes Claudio Monteverde (1567-1643).

Georg Friedrigh Haendel (Handel) (1685-1759) foi um notável compositor instrumental e o mestre do concerto grosso, dentre suas maiores composições, que até hoje são mundialmente conhecidas está a obra “Messiah” e as mais belas composições, tornou-se gênio da música reconhecido mundialmente, levando a música protestante inglesa ao auge.

Johann Sebastian Bach (1685-1750) conhecido como maior organista do seu tempo e também virtuoso no cravo e violino. Escreveu muitas obras sacras para a igreja luterana, mas não recebeu prestígio em vida, suas maiores obras foram: Arte da Fuga, Jesus meine Freude, o *magnificat* entre outras obras grandiosas. Suas obras eram consideradas religiosa mística, devido ao vasto repertório musical foi considerado o grande mestre de todos os tempos.

Mozart foi um revolucionário na história da música, com suas obras influenciou as gerações futuras, escreveu Divertimentos, quintetos, quartetos, sinfonias, Ein kleine nachtmusik, concertos, sonatas, as óperas A Flauta Mágica, Don Giovanni, Le Nozze di Figaro, Così fan Tutte Missas e o Réquiem e muitas outras obras. Apesar de ter sido um prodígio, na vida pessoal foi um fracasso e na sua morte foi enterrado em uma vala comum como um desconhecido.

Ludwig Van Beethoven (1770-1827), foi simpatizante da revolução Francesa, viveu no ambiente aristocrático de Viena, começou a ser conhecido como brilhante improvisador ao piano, em 1814 foi reconhecido como maior compositor de todos os tempos. Devido a seu problema auditivo que o deixou surdo, ele se isola, mas mesmo com a surdez ainda fez um triunfal concerto com

a execução da 9ª. Sinfonia e trechos da missa Solemnis. Morreu em 1827, quase pobre e surdo, mais como compositor conhecido e até hoje mais respeitado do mundo.

A música no decorrer da história passa por várias mudanças, passando pela fase religiosa, profana, romantismo, jazz, a música moderna, música eletrônica entre outras até chegar à música contemporânea. Essas formas de concretização da música não deixaram de fazer parte da história do Brasil em maior ou menor expressividade, como veremos no subitem 2.3.2.

2.3.2 – A música no contexto brasileiro

Para a produção desta subseção tomamos como referência produção de Kiefer (1923) intitulada História da música brasileira: dos primórdios ao sec. XX.

A história da música no Brasil apesar de ter poucos relatos, inicia-se com os indígenas, nas quais se tem como referências os relatos dos portugueses e estrangeiros, dentre esses indícios se encontra a carta de Pero Vaz de Caminha em que faz noção à música dos índios. Já com a chegada dos jesuítas por volta de 1549 á 1553 iniciam-se as catequeses dos índios, sendo inserida música europeia, no qual os jesuítas ensinavam o cantochão na língua indígena e também ensinavam a tocar os instrumentos europeus.

Sobre esse processo de dominação da cultura europeia sobre a cultura indígena Gallet (1934 p. 39-40), diz como ocorreu esse processo. Segundo ele:

Missionarios convictos, e certos de terem na musica um forte auxiliar, puzeram logo em pratica o preceito da epoca. Mas de inicio, não convinha precipitar. Era preferivel a adaptação prévia. E o padre Navarro começou traduzindo para a língua tupí, canticos e hinos religiosos. Os outros, chegados depois, seguiram o dele seguiram o mesmo processo. Mas em principio, utilizavam as crianças mais faceis de instruir. E para suggestionar melhor, serviam-se sempre do espetaculoso.

Quando iam visitar alguma aldeia ainda Barbara, mandavam na frente os indiozinhos, de crucifixo na mão, cantando benditos e ladainhas. Os índios adultos, maravilhados pelo espetáculo, e arrebatados pelos accents musicais religiosos, incorporavam-se ao grupo; e lá iam todos cantando, para a aldeia ainda feroz.

Ainda sobre o autor supracitado ao descrever como ocorreu a destruição da música primitiva indígena “Lembremos bem, a musica do índio desaparecia, porque era calculadamente substituída por outra”. (GALLET, 1934, p.40).

Os locais mais importantes para o cultivo da música erudita foi a Bahia e Pernambuco, posteriormente outras cidades. No século XVIII surgiu à escola Mineira, em que José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita foi um dos mais distintos compositores.

O escravo negro teve grande influencia para a formação da música brasileira, no qual Kiefer (1976, p.14) os descreve como negro-escravo-musico-erudito, pois no período colonial era costume das famílias abastadas terem um escravo músico, que traziam um pouco da cultura africana para suas melodias, pois a música brasileira seja ela erudita ou semierudita se originou a partir da música portuguesa e africana. Cava (2014, p.78) também escreve sobre as contribuições do negro para a formação da musica brasileira, em que gradativamente o estilo da música africana foi sendo aceita e se misturando com o estilo da música portuguesa, unindo a dança e a poesia nas festividades, culminando na diversidade musical que podemos apreciar hoje na música brasileira.

No período colonial a música militar foi de grande importância para o âmbito profissional, na difusão de instrumentos, de repertório e também da inserção de músicos militares em outras atividades musicais.

A música no Pará teve início no século XVII, e no século XVIII com a instalação do bispado e com a vinda do bispo D. Frei Bartolomeu do Pilar foi criado o corpo artístico da Sé com músicos, organistas e Capelães, dentre os quais de destaca o músico Eduardo Lopes de Farias, os irmãos Lourenço e Antônio Alvares Roxo de Pottlix. Em 1735 foi criada a escola de música que recrutava jovens com aptidões musicais para o coro da catedral.

Em 1786 o bispo Frei Caetano Brandão criou uma disciplina de música vocal e de canto gregoriano, durante este período o coro da Sé alcançou o apogeu, sendo que dois organistas João de Almeida Loureiro e João Batista Góis alcançaram grande notoriedade. A música decaiu com a saída de Frei Caetano e só voltou com força após a Cabanagem. Em 1763 já havia uma importante casa de Ópera e Teatro Cômico em Belém.

No século XVIII a cidade São José Del-Rei torna-se um importante centro cultural da música, em que foi fundada a Orquestra Ribeiro Bastos (1790) e a Orquestra Lira Sanjoanense que permanecem até os dias de hoje e são as sociedades de músicas mais antigas do Brasil.

A música na corte portuguesa teve grande influência europeia, tendo as características marcantes da música erudita. Apenas no século XX, a música popular brasileira (MPB) surgiu apresentando uma expressão musical basicamente brasileira.

A semana da Arte Moderna (1922) foi um grande movimento em favor da arte, em que cada linguagem tinha um dia na semana, na qual a música foi representada por Heitor Villa Lobos. Villa Lobos tornou-se um grande nome da música moderna, pois suas obras possuíam características do povo brasileiro, com elementos da canção folclórica, indígena e popular.

Carlos Gomes compositor brasileiro de grande sucesso, suas obras mais famosas foram Il Guarany (1870), Salvator Rosa (1874), Lo Schiavo (1889). O músico foi convidado pelo governo do Pará para assumir a direção do Conservatório de Música em Belém, no entanto morreu poucos meses após sua posse, em sua homenagem o Conservatório foi nomeado Instituto Carlos Gomes.

Os compositores que foram de grande importância para a música brasileira Alberto Nepomuseno compositor cearense e também Erneste Nazareth foi considerado os fundadores da música brasileira, assim como outros nomes.

2.3.3 – A música como ferramenta pedagógica

A música faz parte da história da humanidade, e esteve presente desde os primórdios das civilizações, e sua inserção na educação ocorreu devido ser um elemento de suma importância para a formação da identidade e também desenvolvimento da criança. Como nos ressalta o Referencial curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI:

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas, etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos ao lado da matemática e da filosofia (BRASIL, 1998, p. 45).

A música foi inserida na educação básica com a nova LDBEN (BRASIL 1996) lei nº 9.394 no artigo 26 que contemplaria a artes como ensino curricular obrigatório para o desenvolvimento dos alunos, e nesta lei os professores poderiam trabalhar suas metodologias com auxílio da música.

Outro documento que trata da musicalização na educação infantil foi criado em 1998 pelo Ministério da Educação (MEC) o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI (Brasil, 1998), que auxilia os educadores nas metodologias para a educação infantil, nele, a música é considerada como linguagem e área do conhecimento, sendo centrado em novas visões de produção, apreciação e reflexão.

A escola como espaço destinado para a formação cultural da criança deve propiciar esse conhecimento, pois a música como ferramenta pedagógica é de fundamental importância para a formação da criança, uma vez que propicia o desenvolvimento cognitivo, psicomotor, emocional, enfim a formação integral.

Segundo Brito (2003), o ensino da música não deve estabelecer como meta a formação de músicos profissionais futuramente, devendo ser observado à formação integral da criança. A musicalização na educação infantil é uma preparação para a compreensão dos estímulos musicais, de acordo com Joly (2003, p.116).

A criança, por meio da brincadeira, relaciona-se com o mundo que descobre a cada dia e é dessa forma que faz música: brincando. Sempre receptiva e curiosa, ela pesquisa materiais sonoros, inventa melodias e ouve com prazer a música de diferentes povos e lugares.

As atividades artísticas e o lúdico possuem algumas características em comum, no qual Dohme (2003) descreve as características que comprovam essa aproximação, nela as atividades lúdicas podem ser divididas em quatro grandes áreas: jogos; histórias e dramatizações; músicas, danças e canções; e artes plásticas, é importante salientar que cada uma delas pode contribuir em diversas esferas do desenvolvimento infantil, desde o desenvolvimento sensório-motor e da linguagem, até o desenvolvimento sócio-afetivo, pelas relações interpessoais criança-criança e criança-professor, bem como para o desenvolvimento moral, pelo aprendizado do código de regras.

Para se trabalhar com a música na educação infantil é importante o planejamento, levando sempre em consideração as singularidades dos alunos, pois cada criança vivência o processo de aprendizagem de maneira diferente, a educação musical deve buscar o desenvolvimento integral das crianças, não se restringindo apenas no processo de aquisição da música em si, mas a música como processo que está sempre em constante construção. Como afirma Brito (2010 p.92)

Estar atento ao modo como os alunos (criança, adolescente ou adulto) se relacionam com sons e músicas, reconhecendo e respeitando suas vivências e conhecimentos, sua cultura, os sentidos e significados que atribuem... deve ser uma questão de primeira ordem nos projetos de educação musical. É preciso escutar, observar e caminhar junto com os alunos e alunas, para que a expressão musical se amplie e enriqueça, efetivamente.

O uso da música como ferramenta pedagógica servirá como meio para amenizar a agressividade, para ajudar na concentração, para disciplinar, acalmar, facilitar na aquisição de novos conhecimentos em outras disciplinas. Joly (2003) enfatiza que:

[...] É importante que no processo de musicalização a preocupação maior seja com o desenvolvimento geral da criança, assegurado pelas aprendizagens de aptidões complementares àquelas diretamente relacionadas as musicais. É importante também, segundo a autora, que a escolha de cada um dos procedimentos musicais tenha por objetivo promover o desenvolvimento de outras capacidades nas crianças, além das musicais, tais como: capacidade de interagir-se no grupo, de autoformar-se, de cooperar, de respeitar os colegas e professores, comportar-se, de uma forma tolerante (respeitar opiniões e propostas dos que pensam diferente dela), de ser solidário e cooperativo em vez de competitivo, de ouvir com

atenção, de interpretar e de fundamentar propostas pessoais, de comportar-se comunicativamente no grupo, de expressar-se por meio de próprio corpo, de transformar e descobrir formas próprias de expressão, de produzir ideias e ações próprias. Joly (2003p.116).

A música é bem aceita pelas crianças, por isso o professor deve levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, para com base nesse conhecimento, elaborar propostas para ampliar o repertório musical e trabalhar outras áreas que corroboram no desenvolvimento integral dos alunos. Vale ressaltar que é sempre importante explicar para os alunos o porquê irão cantar musiquinha, isto é contextualizar. Sem contextualização as músicas serão cantadas de maneira mecânica e repetitiva perdendo o objetivo central que é o desenvolvimento das crianças.

Ensinar música, a partir dessa óptica, significa ensinar a reproduzir e a interpretar músicas, desconsiderando as possibilidades de experimentar, improvisar, inventar como ferramenta pedagógica de fundamental importância no processo de construção do conhecimento musical (BRITO 2003, p. 52).

Jeandot (1993) considera que cada criança tem seus estágios de aprendizado que passa por várias etapas do desenvolvimento na qual vai construindo determinado conhecimento musicais de acordo a faixa etária.

2. anos, a criança é capaz de cantar versos soltos, fragmentos de canções, geralmente fora do tom. Reconhece algumas melodias e cantores. Gosta de movimentos rítmicos em rede, cadeira de balanço, etc.;

3. anos, a criança consegue reproduzir canções inteiras, embora geralmente fora do tom. Tem menos inibição para cantar em grupo. Reconhece várias melodias. Começa a fazer coincidir os tons simples de seu canto com as músicas ouvidas. Tenta tocar instrumentos musicais. Gosta de participar de grupos rítmicos: marcha, pula, caminha corre, seguindo o compasso da música;

4. anos, a criança progride no controle da voz. Participa com facilidade de jogos simples, cantados. Interessa-se muito em dramatizar as canções. Cria pequenas músicas durante a brincadeira;

5. anos, a criança entoa mais facilmente e consegue cantar melodias inteiras. Reconhece e gosta de um extenso repertório musical. Consegue sincronizar os movimentos da mão ou do pé com a música. Reproduz os tons simples de ré até dó superior. Consegue pular em um só pé e dançar conforme o ritmo da música. Percebe a diferença dos diversos timbres (vozes, objetos, instrumentos), dos sons graves e agudos, além da variação de intensidade (forte e fraca). (JEANDOT, 1993 p.63-64).

Piaget discute os estágios do desenvolvimento cognitivo, que são os estágios sensório-motor (do nascimento aos 2 anos), pré-operatório (2 aos 7 anos), operações concretas (7 aos 11 anos) estagio das operações formais ou abstratas

(dos 11 em diante) que são influenciados pelo meio ambiente, no qual a criança interage construindo seu próprio conhecimento.

O professor tem um papel fundamental no processo de construção de conhecimento e na música não é diferente, o professor deve oferecer em cada fase do desenvolvimento estímulos que favoreçam o aprendizado e ampliem as capacidades psicomotoras da criança.

Assim como Piaget, Beyer (1988) também discute as características cognitivas a partir de estágios de desenvolvimento, sendo o estágio sensório-motor o período de formação das percepções auditivas, no qual são formadas as noções e posteriormente os conceitos e outras estruturas. No estágio pré-operatório a percepção vai ficando mais aguçada segundo os órgãos do sentido, neste estágio a música é assimilada primeiramente por meio de imagens e em seguida por símbolos até chegar ao processo de assimilação pela representação, somente no estágio operatório-concreto é possível aprender a escrita musical.

A discussão supracitada busca mostrar importância da música como ferramenta pedagógica, que possibilita a criatividade, expressão, reflexão, na qual proporciona aquisição de novos saberes educacionais e culturais que são repassadas de geração em geração através dos brinquedos cantados, parlendas, canções de roda, músicas populares entre outros conhecimentos que auxiliam na formação do ser humano.

2.4 – Caracterizações da Educação Infantil Brasileira

Para caracterizar a educação brasileira, necessita fazer um apanhado histórico. No Brasil as primeiras tentativas de se organizar um local para atender as crianças, surgiram apenas com um caráter assistencialista e filantrópico. Dentre os fatores que contribuíram para criação dessas instituições, foi o acolhimento de órfão abandonados e o alto índice de mortalidade, desnutrição generalizada e acidentes domésticos. Devido a esses problemas, alguns setores da sociedade entre eles os religiosos, educadores e empresários começaram a pensar num espaço onde as crianças fossem cuidadas fora do ambiente familiar, dando início as primeiras preocupações com os cuidados com a criança, Conforme Didonet (2001) afirma:

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche. (DIDONET, 2001, p. 13).

Por longos anos a roda do exposto ou roda dos excluídos, nome dado ao procedimento realizado pelas instituições e casa de misericórdia, foi à única forma de atendimento a criança nos séculos XVIII e XIX no Brasil. Esta política caracterizou-se pelas condições precárias de higiene e de qualidade na assistência, levando a altas taxas de mortalidade infantil, sendo essa prática extinta apenas no século XX.

As instituições mais importantes da época foram o Instituto de Proteção à Infância do Rio de Janeiro criado pelo médico Arthur Moncorvo Filho, também foi criado Instituto de Proteção e Assistência à Infância e o Departamento da Criança que objetivava a fiscalização das instituições de atendimento a criança.

A industrialização aumentou ainda mais o número de mulheres no mercado de trabalho, sendo necessário o aumento de instituições de atendimento a criança, sendo conquistadas pelas mulheres após lutas em prol da causa. No entanto a educação pública oferecida aos filhos da classe baixa era diferenciada da educação recebida pelos filhos da classe mais favorecida.

Embora a diferença no atendimento ofertado, houve a necessidade de regulamentar o trabalho que vinha sendo realizado. No entanto foi apenas com a Constituição de 1988 que o direito da criança a educação foi conquistado, no qual consta no art. 208 o inciso IV: “[...] O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988). Outro documento que veio regulamentar o direito da criança foi o Estatuto da Criança e Adolescente– Lei 8.069/90 (ECA), o qual garantia de seus direitos básicos. De acordo com o trabalho de Milanezi, criança e adolescente são conceituados, conforme a visão do Estatuto da Criança e Adolescente, da seguinte maneira:

O Estatuto ao definir o conceito de criança e adolescente e colocá-los na situação de sujeito em desenvolvimento, com direitos próprios e especiais, com condição peculiar de pessoas em desenvolvimento, necessitando de proteção diferenciada, especializada e integral expõe a necessidade de traçar mecanismos, ações, intervenções, políticas que garantam a efetivação dos direitos da criança e do adolescente de forma diferenciada, especializada e integral (MILANEZI, 2015, p.167).

Após a promulgação do ECA, o ministério da educação (MEC) também fez a publicação de uma série de documentos chamados “política Nacional da Educação Infantil” com várias diretrizes voltadas para a melhoria da qualidade do ensino. Em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) insere a Educação Infantil como primeira etapa da educação Básica.

Em 1998 reafirmando o que estava na legislação o MEC publica os documentos “Subsídios para o credenciamento e o funcionamento das instituições de educação infantil” e o “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil”, (BRASIL, 1998b), o primeiro auxilia na formulação de diretrizes e normas da educação infantil e o segundo objetiva contribuir para implementação de práticas educativas de qualidade no interior dos Centros de Educação Infantil.

A qualidade da Educação está sempre presente nas legislações e diretrizes educacionais, no entanto a educação infantil ainda está longe de alcançar os parâmetros ideais de qualidade, pois com a expansão da educação em todo o país, os recursos financeiros e técnicos investidos não são suficientes.

As instituições de educação infantil no Brasil, devido à forma como se expandiu, sem os investimentos técnicos e financeiros necessários, apresenta, ainda, padrões bastante aquém dos desejados [...] a insuficiência e inadequação de espaços físicos, equipamentos e materiais pedagógicos; a não incorporação da dimensão educativa nos objetivos da creche; a separação entre as funções de cuidar e educar, a inexistência de currículos ou propostas pedagógicas são alguns problemas a enfrentar. (BARRETO, 1998, p. 25).

Os recursos materiais e pedagógicos, espaços físicos inadequados entre outros problemas que inviabilizam um ensino de qualidade, pois em grande maioria as escolas se encontram em situação precárias e não oferecem condições adequadas para o trabalho docente.

2.4.2 – A Música na formação integral da criança

A música é uma linguagem artística importantíssima na educação infantil, pois é um elemento fundamental para a formação dos indivíduos, no entanto há muitas dificuldades no que se refere ao ensino da música, pois a maioria das escolas não se consegue trabalhar-la de maneira satisfatória, concebendo-a apenas como meio de entretenimento ou atividades lúdicas. É importante compreendermos que:

Em Educação não podemos esquecer que a musicalidade não é fato entre fatos. Portanto, ela nos convoca para o agir, para o viver. Um ser musical é aquele que faz viger movimento: movimento poético que sempre reflui – faz verter, brotando – sobre si mesmo. A questão da musicalidade é hermenêutica porque abriga em si outra questão de fundo: o sentido da vida, o canto da vida. Recuperar a musicalidade significa libertar-nos do primado da causalidade recíproca – sistema mecânico de causa e efeito –, conduzindo-nos para a nossa corporeidade pulsante, aquela que nos doa a possibilidade de romper com a linearidade e, na mesma medida, nos concede a possibilidade de sermos seres ondulantes, modulantes que vivem no movimento que aproxima e distancia. A nossa musicalidade surge como o rumor que advém do embate harmonioso com o extraordinário. Por isso, não há caminhos determinados a priori. (NASCIMENTO, 2013 p.26)

Na educação, a música pode ser usada como meio para trabalhar as dimensões humanizadoras do processo de ensino aprendizagem (afetividade, cognitiva e motora), sendo que na afetividade a música pode trabalhar as emoções como, por exemplo, a alegria, tristezas, a beleza de uma canção por meio do prazer estético, e também a reação fisiológica por meio da dança e do movimento. Neste sentido Alfandéry (2010 p.34) ao escrever sobre Henri Wallon diz que:

Wallon é responsável pela elaboração de um modelo heurístico que procura compreender as diversas dimensões da expressão humana que, por estarem vinculadas e por serem indissociáveis, promovem o desenvolvimento humano. Destaca-se por demonstrar que aspectos como a afetividade e atividade motoras, via de regra desprezadas na análise desse tema, têm importância decisiva no complexo interjogo funcional responsável pelo desenvolvimento da criança.

Diante da definição de cultura na concepção Walloriana, é possível perceber o papel da música no desenvolvimento, pois nela compreendemos a música como uma produção cultural da sociedade que como linguagem provoca as mais variadas emoções e por meio delas ocorre à socialização entre as pessoas. A música ao

provocar as emoções que estão ligadas diretamente à dimensão afetiva também atua sobre as dimensões cognitivas e motoras, pois ambas são indissociadas.

A música como linguagem é uma construção social da humanidade, que está sempre presente no cotidiano infantil, no qual Nogueira faz apontamentos sobre a dimensão social em que:

A música também traz efeitos muito significativos no campo da maturação social da criança. É por meio do repertório musical que nos iniciamos como membros de determinado grupo social. Por exemplo, os acalantos ouvidos por um bebê no Brasil não são os mesmos ouvidos por um bebê nascido na Islândia; da mesma forma, as brincadeiras, as adivinhas, as canções, as parlendas que dizem respeito à nossa realidade nos inserem na nossa cultura (NOGUEIRA, 2001, p. 192).

Por meio da música a criança consegue aprender a realidade cultural em que está inserida e ao grupo social a que pertence, pois as brincadeiras, as canções, as parlendas possuem as características de peculiares de cada cultura, a exemplo disso cita-se o Carimbó, que é uma música que faz parte do repertório da cultura paraense ou a Marujada, pertencente à cultura de Bragantina-Pará. Ainda no que se refere à música como uma linguagem construída pela sociedade, Loureiro (2003) afirma que:

A música, como qualquer conhecimento, entendida como uma linguagem artística, organizada e fundamentada culturalmente, é uma prática social, pois nela estão inseridos valores e significados atribuídos aos indivíduos e à sociedade que a constrói e que dela se ocupam.

Ainda neste contexto, tem-se que a música é uma linguagem expressiva e as canções são veículos de emoções e sentimentos, e podem fazer com que a criança reconheça nelas seu próprio sentir (ROSA, 1990).

Outro fator importante que a música possibilita uma série de interferências nos âmbitos psicológicos e físicos no corpo humano, devido à sensibilidade humana à Música. Sugahara (2016 pg. 30) ao escrever sobre as mudanças que a música provoca na expressão da criança diz que:

Quando a criança canta, movimenta-se, mostrando em sua expressão o que sente e como sente. A Música provoca reações motoras que se traduzem por mudanças no tônus muscular do rosto expressando as emoções, por isso, a expressão da criança se modifica ao escutar Música. Então, o sentimento de alegria produzido pela Música, pode ser percebido graças à expressão tônica da emoção, assim como é possível perceber a presença dos três níveis de deslocamento corporal, presentes na ação de cantar e dançar: deslocamento de equilíbrio, de locomoção e de reações corporais.

Na educação infantil, é muito importante trabalhar diversas linguagens com as crianças, pois estas se encontram na fase de conhecimento e descobertas, sendo que a música auxilia nesse processo de desenvolvimento. Conforme Ferreira, Gentil e Fantacini (2017.p.70) consideram que:

[...] na Educação Infantil, a criança está em um universo de descobrimento, no qual a ânsia de aprender é mais presente, e vê na música uma forma de expressão de sentimentos, emoções, expressões corporais. Por isso, a Educação Infantil deve ser um espaço integrador e prazeroso, que possibilite à criança seu desenvolvimento integral, considerando suas particularidades, sendo capaz de desenvolver suas atividades e estimular suas múltiplas habilidades.

Barreto (2000) ao falar sobre as contribuições da música diz que o conhecimento por meio da musicalização, é construído com base em vivências e reflexões orientadas, sendo que estas proporcionam o desenvolvimento da sensibilidade à música. A sensibilidade é o caminho para as demais dimensões, pois a partir da sensibilidade, ativa o desenvolvimento cognitivo, que favorece a construção significativa dos conhecimentos, equilibrando o terreno das emoções e estimulam várias áreas cerebrais, o que melhora a concentração, memória, coordenação motora, socialização, acuidade auditiva e disciplina.

Devido a estas contribuições supracitadas, a música torna-se uma linguagem essencial a ser trabalhada na educação infantil, visto que é uma prática que possibilita a interação entre as diferentes culturas. Sobre a música na escola os PCNs (Brasil, 1998, p. 79) afirmam que:

E como a escola lida com essas pessoas, seus alunos? É necessário procurar e repensar caminhos que nos ajudem a desenvolver uma educação musical que considere o mundo contemporâneo em suas características e possibilidades culturais. Uma educação musical que parta do conhecimento e das experiências que o jovem traz de seu cotidiano, de seu meio sociocultural e que saiba contribuir para a humanização de seus alunos. Estabelecendo relações com grupos musicais da localidade e da região, procurando participar em eventos musicais da cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas, a escola pode oferecer possibilidades de desenvolvimento estético e musical por meio de apreciações artísticas. Várias manifestações musicais, tais como os movimentos que têm vigorosa mistura entre som internacional e os ritmos locais permitem sentir e refletir sobre suas respectivas estéticas, percebendo influências culturais de várias ordens e a presença da cultura oral. O quando e como trabalhar os vários tipos de música levados para a sala de aula vai depender das opções feitas pelo professor, tendo em vista os alunos, suas vivências e o meio ambiente, e vai depender da bagagem que ele traz consigo: vai depender de seu saber música e saber ser professor de música.

Neste sentido, uma Educação Integral que priorize o ensino da música, não poderá ser pensada sem que haja uma qualificação docente, pois geralmente os professores ministram ambas as linguagens do ensino da arte, no entanto a música requer ou professor especialista ou professores que recebam formação que o possibilitem trabalhar a música de forma significativa, ou seja, discutindo os aspectos do conteúdo, da avaliação, da presença da voz e de instrumentos musicais na sala de aula, do fazer musical coletivo e individual, dos contextos musicais, em pequenos e grandes grupos, enfim o fazer musical de maneira acessível a todos.

Partindo dessas premissas, a musicalização infantil não busca a formação específica de músicos, mas desenvolver o prazer de ouvir, reproduzir e criar música, proporcionando à criança oportunidade de compreender a realidade, por meio dos elementos sonoros em trabalhos com as rimas, parlendas, canções folclóricas e brincadeiras tradicionais infantis entre outros que resgatam a cultura do povo brasileiro. Lima e Stencel (2010, p. 91) fortalecem nossa assertiva quando afirmam que:

Partindo dessas premissas, buscamos trabalhar com a musicalização infantil tendo como propostas práticas: desenvolver o prazer de ouvir, reproduzir e criar música, proporcionando à criança oportunidade de compreender a realidade sonora que a circunda; focalizar o trabalho com rimas, parlendas, canções folclóricas e brincadeiras tradicionais infantis, resgatando o repertório tradicional e cultural do Brasil; obter uma consciência sonora; ampliar a percepção auditiva, trabalhando com as qualidades do som como altura, duração, intensidade e timbre; estimular a criança a expressar-se de maneira criativa por meio de elementos sonoros e instigar na criança a autodisciplina para desenvolver a atenção e respeito ao próximo, ajudando-os na convivência social, sempre partindo do fazer musical e não de forma fragmentada.

Todo ser humano nasce, com a inteligência musical, no entanto para o desenvolvimento dessa capacidade deve ser estimulada desde cedo. Neste aspecto Smole (1999), ao escrever sobre a teoria de Gardner diz que a inteligência musical envolve a capacidade de pensar em termos musicais, reconhecer temas melódicos, ver como eles são transformados, seguir esse tema no decorrer de um trabalho musical e, mais ainda, produzir música. A autora ainda reforça que é a inteligência que permite a alguém organizar sons de maneira criativa, a partir da discriminação de elementos como tons, timbres e temas.

SEÇÃO III – METODOLOGIA

Em busca de consolidar esta pesquisa aponto inicialmente que minha intenção foi trabalhar com uma abordagem qualitativa utilizando como recursos metodológicos a pesquisa de campo, entrevistas, questionários, esperando alcançar como resultados as análises das contribuições que a música traz para o desenvolvimento da criança e como está sendo utilizada pelos educadores.

No primeiro momento será realizado o levantamento bibliográfico para a obtenção de conhecimentos científicos acumulados sobre o tema. Em seguida, esses dados serão tabulados e, a partir de então, usados como base teórica sobre o tema abordado nesse trabalho.

A pesquisa terá uma abordagem qualitativa por se tratar de uma investigação de fenômenos no âmbito escolar, a qual analisará quais as contribuições da música para o processo de ensino aprendizagem das crianças. “O método qualitativo difere em princípio do quantitativo à medida que não emprega um instrumento estatístico como base do processo de uma análise de um problema. Não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas” (RICHARDSON, 1999, p. 192). Bogdan e Biklen (1994) definem a abordagem qualitativa como:

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo. O investigador coloca constantemente questões como: Por que é que estas carteiras e-arrumadas desta maneira? Por que é que algumas salas estão decoradas com gravuras e outras não? Por que é que determinados professores se vestem de maneira diferente dos outros? Há alguma razão para que determinadas actividades ocorram em determinado local? Por que é que há uma televisão na sala se nunca é utilizada? Nada é considerado como um dado adquirido e nada escapa à avaliação. A descrição funciona bem com o método de recolha de dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape ao escrutínio.

Este método de pesquisa qualitativa visa analisar o objeto de estudo de maneira mais profunda, não se atentando apenas de dados quantificados, ou seja, busca compreender os fatos de maneira mais detalhada.

Em relação à pesquisa de campo, está se deu na E.M.E.I. Divino Espírito Santo, localizada na cidade de São Miguel do Guamá - PA com professores atuantes.

A pesquisa de campo segundo Gil (2002), geralmente focaliza uma determinada comunidade, podendo ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografia.

Para a produção dos dados, foi aplicada uma entrevista semiestruturada que na visão de Severino (2007 p.124).

Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.

Essa técnica possibilita uma ordenação de um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas também permite que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo durante a entrevista. Outro instrumento de coleta de dados foi o questionário, que segundo Gil (2008, p.121) define o questionário como: A técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc.

Para análise dos dados utilizamos a metodologia de Análise de Conteúdo que Bardin (1977, p. 42) define como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Ainda sobre as análises dos dados, Franco (2008, p. 12), a mensagem pode ser “verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”.

3.1 – O contexto da Pesquisa: O município de São Miguel do Guamá

Com base no Instituto de Geografia e Estatística – IBGE (2010) é possível afirmar que a colonização de São Miguel do Guamá data dos primeiros anos da fixação dos portugueses no território paraense. Os frades do convento de Carmo, através das sesmarias (lotes de terras) concedidas pelo Governo da Capitania, fundaram a fazenda Pernambuco. Com a construção da Igreja Matriz o desenvolvimento do povoado foi impulsionado, possibilitando a organização do espaço sócio geográfico e delineando a formação do município.

Em 30 de maio de 1891, através do Decreto Estadual de nº 344, São Miguel foi elevado à categoria de cidade, somente em 30 de dezembro de 1943, a partir do Decreto Estadual de nº 4.505, passou a chamar-se de São Miguel do Guamá, a denominação “Guamá”, de origem indígena Tupiniquim, significa “rio que chove”.

O movimento populacional de São Miguel do Guamá ocorreu de forma gradativa, inicialmente a região era habitada somente por guamaenses descendentes de índios, portugueses e negros. Com a construção da rodovia Belém – Brasília (BR- 010), o crescimento populacional foi acentuado, contribuindo para migração de goianos, capixabas, maranhenses, pernambucanos e cearenses buscando melhores condições de vida no município, que já oferecia oportunidades para o desenvolvimento da indústria, comércio e outros.

São Miguel do Guamá possui uma área total de 1.110.175 Km², com uma população de 51.567 segundo dados do IBGE censo de 2016, as principais vias de acesso do município são as rodovias BR-010 (federal), PA-227; 331 e 251 (estaduais), municípios (vicinais). A rodovia BR-010 liga o município a capital (Belém) ficando a 140 Km de distância.

As manifestações religiosas são as festividades em homenagem a São Miguel Arcanjo, em setembro, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no último domingo de novembro.

A economia está se desenvolvendo a cada dia, baseada em três alicerces: o turismo (beira-rio, cachoeira, paraíso e a ilha), a agroindústria e a

indústria cerâmica, que procuram utilizar as abundantes riquezas naturais do município. Além do comércio, o extrativismo vegetal, o carvão vegetal, madeiras de lei, seixo e argila, que estão sendo utilizadas na construção civil, aumentando a economia guamaense, embora essa economia não se reflita no município ao que tudo indica, mas na verdade escoam para outros municípios ou então fica concentrada na mão de poucos empresários.

3.2 – O local da pesquisa: E.M.E.I. Divino Espírito Santo

A E.M.E.I. Divino Espírito Santo está localizado no Município de São Miguel do Guamá, na Rua Cipriano Mendes número 111, Bairro Patauateua.

Sua história iniciou no ano de 1994, na gestão do senhor prefeito Antônio Guilherme da Costa, tendo como primeira diretora a professora Vera Lúcia Silva Pereira, no intuito de atender filhos de mães que precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar os filhos, a referida E.M.E.I funcionava em um centro Comunitário situado na rua Minervino Leite, Bairro do Patauateua, o qual além de servir para os encontros de adoração a Deus, servia também para ministrar as aulas no período matutino, a mesma atendia crianças de 03 e 06 anos, a educação na época se dava de modo assistencialista. Embora a comunidade pudesse contar com um espaço, este não disponibilizava de um aparato condizente a um lugar de aprendizagem, a mudança para outro espaço se viabilizou por meio da parceria com a prefeitura, no qual foi transferido para um prédio próprio fornecido pela prefeitura no bairro Mauricio Ataíde, onde continua até os dias atuais.

Atualmente a E.M.E.I Divino Espírito Santo atende crianças de 04 e 5 anos, conta com 26 funcionários, distribuídos em dois turnos(manhã e tarde), contendo 112 alunos divididos em 08 turmas.

A E.M.E.I Divino Espírito Santo tem sua proposta de trabalho embasada na ação indissociável entre o educar e cuidar, conforme estabelece o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil “os cuidados são compreendidos como aqueles referentes a proteção, saúde e alimentação, incluindo as necessidades de afeto, interação, estimulação, segurança e brincadeiras que possibilitem a exploração e a descoberta”.

3.3 – Os sujeitos da pesquisa

Quando nos colocamos a pensar uma pesquisa de campo qualitativa a partir de um certo contexto e que, portanto, assumimos a posição de ouvinte em relação as experiências particulares de um sujeito ou grupo que possui envolvimento direto com o objeto de investigação sobre o qual nos debruçamos, não podemos perder de vista alguns marcadores que expressam as condições existenciais desses sujeitos. Assim, apresentamos sucintamente alguns dados que nos auxiliam em relação, a saber, quem são os sujeitos que compõe o coletivo a partir dos quais discutimos a questão ao processo educativo das crianças da Educação Infantil a partir da inserção da música neste cotidiano escolar. O quadro 01 apresenta dados que consideramos relevantes para pensar a temática da pesquisa em questão.

Quadro 01: Perfil sócio profissional dos pedagogos.

Participante	Idade	Tempo de formação	Tempo de Atuação	Especialização	Cursos de formação continuada	Média Salarial
Prof. Ed. Inf. 01	42 anos	20 anos	20 anos	—	Curso do AEE(atendimento especializado), Pró-letramento e outros cursos do pacto.	1.180
Prof. Ed. Inf. 02	48 anos	30 anos	30 anos	Psicopedagogia	Psicomotricidade e ludicidade na educação Infantil	—
Prof. Ed. Inf. 03	32 anos	15 anos	10 anos	—	Curso em libras	—
Prof. Ed. Inf. 04	45 Anos	29 anos	7anos	Psicopedagogia	—	2.500

Fonte: NASCIMENTO MP, 2018.

Ficou evidente que em relação à idade são professores que já não se colocam mais no perfil dos jovens professores. Esse indicador é reforçado pelo tempo de formação que varia entre 15 e 30 anos. Dentro do grupo, em termos de carreira, verificamos que a Prof. Ed. Inf. 03 e 04 se encontram no início da carreira, já caminhando para o momento da estabilidade profissional. A prof. Ed. Inf. 01 já esta há 20 anos na carreira, o que denota estabilidade profissional, mas que não

significa dizer valorização profissional, haja vista que quando olhamos para os salários verificamos que são professoras com certo tempo de atuação profissional, mas que não se expressa nos seus salários. Duas das professoras não quiseram mencionar os seus salários. Consideramos que pela atual política de desvalorização, para alguns profissionais é humilhante relevar as questões salariais, uma vez que esse é um demarcador que tem produzido muita indignação meio educacional. A Prof. Ed. Inf. 02 já se encontra no fim da carreira, com trinta anos de profissão. Embora essa professora já se enquadre no tempo de serviço, em função da idade ainda terá que atuar um tempo maior em função da idade, uma vez que existe uma relação direta entre idade e tempo de serviço como referência para que se estabeleça o processo de aposentadoria.

Outra questão a se destacar é a formação continuada. Apenas dois das quatro professoras possuem pós-graduação lato sensu, que na nossa avaliação é reflexo da falta de incentivo para que os professores invistam em suas formações. Na maioria das vezes a formação é conquistada com base em investimento pessoal, pois não existe uma política que garanta aos professores formação seja em nível de especialização, mestrado ou doutorado. No caso das formações de curta duração, a maioria é oriunda de políticas do governo federal, o que a nosso ver não garante especificidades dos estados e municípios.

Dessa forma, fica evidente que a ausência da oferta de formação em nível municipal reflete a negação do direito de formação em serviço prevista na LDB 9.394 de 1996, o que para nós se apresenta como um complicador em relação ao que se pode pensar em termos de qualificação do trabalho desenvolvido pelos professores. No caso particular do ensino de arte, as questões são bem mais gritantes, pois em muitos casos o professor que lida com as crianças na Educação Infantil não possui formação em música, dança, teatro, artes visuais e literatura o que limita suas possibilidades de atuação com base nesses referenciais artístico-culturais.

SEÇÃO IV – DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Vimos construindo um trajeto que passou pela construção de certo nível de compreensão em relação às discussões sobre a música na educação infantil e suas contribuições na aprendizagem, com base nesse movimento chegamos aos discursos daqueles que, na nossa compreensão nos auxiliam na ampliação dessa compreensão.

Neste tópico buscaremos entender a concepção das professoras sobre a música, como é feito o trabalho em sala de aula e nas atividades e a organização. Para alcançar os objetivos propostos, utilizamos um roteiro de entrevista semiestruturada com 3 professoras e 1 coordenadora, em um total de quatro pessoas. Tomando com base as questões realizamos as análises dos dados com base no instrumento de coleta de dados. Para diferenciar as pessoas pesquisadas iremos utilizar P 01 para a primeira professora, P 02 para a segunda, P 03 para terceira P 04 para a coordenadora, sendo assim obtive as seguintes repostas:

Quando nos referimos acerca da sua visão sobre a música na educação infantil ficou claro entre os participantes que:

A música faz parte de vida do ser humano, pois é uma combinação harmoniosa e expressiva de sons, por isso sua importância na educação infantil, pois contribui para a criança no seu desenvolvimento, pois é muito bom para a criança canta e dançar. (Prof. 1)

A música infantil é uma forma de aprendizado no qual o aluno desenvolve a linguagem oral e também a coordenação motora. Ela é um fator principal no diz ao desenvolvimento da oralidade, afetividade e comunicação. (prof. 02)

A música é uma forma de arte por meio dos sons, em que oportuniza o aprimoramento das habilidades motoras da criança, além de contribuir com a formação da identidade. (prof. 02)

A música na educação infantil é tudo, é a principal ferramenta de ensino. (prof. 04).

Com base nas falas dos professores fica evidente que a música é reconhecida como instrumental pedagógico capaz de contribuir na formação das crianças. Apesar de ser esta uma questão importante não é evidenciada pelas participantes da pesquisa, no que diz respeito a dimensão cultural que a música

engendra, além de referências de natureza reflexiva. Não podemos restringir a música a uma condição de instrumento pedagógico a serviço de outros campos de conhecimento. Ela por si só dá condições de reflexões pelos próprios conteúdos que a música comporta.

Já vimos ressaltando que a música produz sentimentos de alegria que pode ser percebida por meio da expressão tônica da emoção “assim como é possível perceber a presença dos três níveis de deslocamento corporal, presentes na ação de cantar e dançar: deslocamento de equilíbrio, de locomoção e de reações corporais” (SUGAHARA, 2016, p.30-31). Portanto, a Música além de contribuir para desenvolvimento cognitivo trabalha também as emoções e o corpo.

De acordo com Schroeder (2011, p.107) Aprender música é se apropriar de uma forma de linguagem, de um modo de se expressar, de se comunicar, de compartilhar sentidos. Ainda sobre a importância da música “[...] no caso específico das crianças pequenas, acrescenta-se o sincretismo como uma das principais características dessa etapa do desenvolvimento”. De acordo com o autor supracitado:

Nesse sentido, podemos dizer que é possível observar o processo de apropriação da linguagem musical, nessa faixa etária, também, ou talvez principalmente, em situações nas quais as crianças não estão propriamente “fazendo música”, mas vivenciando-a de diversas outras formas: dançando, representando, imitando, fazendo gestos, brincando. (2011, p.108).

Brito (2010, p. 90) corrobora essa discussão ao afirmar que “importância da música na formação de todos os seres humanos, considerando que o trabalho contribui com o desenvolvimento integral, para além do musical, tende a ser reconhecida por todos”.

Em suas falas as professoras entrevistadas enfatizam a importância da música na educação infantil considerando-a a principal ferramenta para trabalhar diversas áreas do conhecimento e também auxiliar no desenvolvimento integral das crianças. Na nossa compreensão, essa ideia de que a música é uma linguagem artística a serviço de outros campos de conhecimento se dá em função da falta de formação que coloque esta linguagem no patamar de importância que ele merece, justificado, por exemplo, pelas inúmeras faculdades (licenciatura e bacharelados) além de pós-graduação lato (especialização) e stricto sensu (mestrado e doutorado)

que seguem formando professores e pesquisadores no Brasil. Se existem esses locais de formação, o princípio que sustenta as suas existências é possuir objeto própria de ensino e aprendizagem, além de possuir conhecimento produzido cientificamente capaz de alimentar os processos formativos que oferecem. Logo a música não é um acessório que possibilite o ensino de outros campos. Não queremos dizer que ela não contribua com ensino de Português, Matemática, História, Geografia, etc., mas que ela é muito mais que isso e o lugar de negação que se concretiza nas falas dos professores entrevistados e, por conseguinte, na escola reflete o pouco conhecimento existe sobre sua importância, assim como demais linguagens artísticas que seguem também a mesma lógica de importância em relação ao que podem ensinar a um educando.

Ao falar ainda sobre a importância da música na educação Brito (2010) [...] porque a música é importante no viver, como uma das formas de relação que estabelecemos conosco, com o outro, com o ambiente. Somos seres musicais [...] Fazendo música trabalhamos nossa inteireza, o que é essencial.

A educação infantil é a primeira fase da educação básica, nesta fase a criança se estimulada pode despertar sua sensibilidade musical, em que ao falar sobre a musicalização na educação infantil Lima e Stencel (2010, p. 91) diz que:

Entendemos que musicalizar é permitir que a criança seja sensibilizada pela música de forma dinâmica e lúdica. É o despertar musical na educação infantil, dando oportunidade para a criança fazer música e ter prazer em ouvi-la. Musicalizar é tornar a música acessível a todos, usando a música elementar que está inserida no movimento e na palavra. É fazer com que as crianças amem a música, preparando-as para realizarem com alegria a prática musical. É construir o conhecimento com o objetivo de despertar e desenvolver o gosto musical através do estímulo, e assim contribuir para a formação global da criança. Esse processo de educação musical deve ser adaptado à realidade social em que a criança vive, respeitando as fases evolutivas, sendo multidisciplinar, tendo objetivos claros e precisos, preparando seres humanos capazes de criar, realizar e vivenciar emoções.

Fica manifesto, portanto, que a música é força que move a existência humana e que deve ser levado em consideração no processo de garantia de direito em relação ao processo educativo.

Após o destaque das questões referentes à importância, adentramos noutro debate relacionado ao papel de facilitador da música na aprendizagem. Em relação a essa questão os participantes destacam que:

*Porque, por meio da música podemos trabalhar **díversas áreas do conhecimento**, podemos trabalhar o **movimento (coordenação motora)**, a música auxíla no desenvolvimento das capacidades sensório-motoras, **afetivas** entre outras. Prof. 1.*

*A música é um meio facilitador porque o aprendizado torna-se mais eficiente e a **aula mais prazerosa**, é por meio da musicalidade que o aluno aprende em díversos aspectos como as **noções de tempo, o alfabeto, os números, cores** entre outros. prof.2.*

*Por meio da música é possível trabalhar vários eixos da educação infantil, uma vez que apresenta o **lúdico associado ao prazer de participar das atividades propostas**. A musicalização é uma ferramenta que ajuda a criança a desenvolver o universo que conjuga **expressão de sentimentos, ideias, valores culturais** e também auxíla na **comunicação do indivíduo com o mundo exterior e seu universo interior**. Prof.3.*

*Podemos trabalhar a música como meio facilitador para formar **hábitos e comportamentos**, criando atividades importantes na formação do ser humano, ao **ensinar valores** para ter **higiene, respeito, agradecimento a Deus**, além dos **conhecimentos pedagógicos**. Prof.4.*

A música promove várias contribuições para a aprendizagem na educação infantil, sendo umas das melhores maneiras para trabalhar a música são as atividades lúdicas, pois por meio delas o professor pode promover o desenvolvimento da criatividade, da socialização, do desenvolvimento do sistema sensório-motor e também como facilitadora de novos conhecimentos, interação social entre outras contribuições que auxiliam no desenvolvimento

integral da criança. Neste sentido Ferreira, Gentil e Fantacini (2017 p.76-77) elencam que:

A educação musical apresenta inúmeras contribuições para a sua aprendizagem, como atividades lúdicas que mantêm ligadas as diversas linguagens expressivas, desenvolvimento da criatividade, socialização, desenvolvimento do sistema motor, maior nível aquisição de conhecimento, com prática prazerosa, interação social e desenvolvimento integral, sendo, então, um dos meios facilitadores de chamar a atenção para uma forma mais prazerosa de aquisição de conhecimento. Como parte fundamental e imprescindível desse processo, o educador deve ter uma postura pedagógica, que facilite um ambiente integrador de conhecimento e que acolha as dificuldades e que, por meio da música, possa romper barreiras.

Os professores da educação infantil, geralmente usam a música para trabalhar na construção de relações da criança consigo mesma e com o outro e também para a socialização com o grupo, para organizar rotina como, por exemplo, na acolhida, na hora do lanche; e principalmente para favorecer o aprendizado em diversas áreas do conhecimento, além de hábitos e comportamentos gerais e a disciplina. Conforme Brito (2010 p.91-92):

A experiência musical em si mesma, com a carga de possíveis que traz consigo e que propicia, deve bastar para justificar sua inserção nos territórios da educação. Fazendo música nós mergulhamos na ordem do prefixo fruí, em planos da sensibilidade, disparando blocos de sensações que as conexões expressivas estabelecidas entre gesto e escuta provocam. Além do que, o fazer musical é um modo de resistência, de reinvenção (questões caras ao humano, mas ainda pouco valorizadas no espaço escolar) que, ao mesmo tempo, fortalece o estar juntos, o pertencimento a um grupo, a uma cultura. O viver (e conviver) na escola – espaço de trocas, de vivências e construção de saberes, de ampliação da consciência –, deve, obviamente, abarcar todas as dimensões que nos constituem, incluindo a dimensão estética.

Ao discutir a música como meio facilitador da aprendizagem buscamos entender como acontecem as atividades envolvendo a música, em que as professoras relataram que:

As atividades envolvendo a música acontecem na hora da acolhida, no início da aula, e durante as brincadeiras no decorrer da aula. Prof.1

Costumo usar a música nas rodas de conversa ou durante a aula e também quando é trabalhado temas importantes como as noções de higiene e afetividade. Prof.2

Geralmente utilizo para trabalhar as vogais, números, lateralidade, obedecer aos comandos etc. além de trabalhar a socialização por meio de gestos afáveis indicados nas canções.

No dia a dia as músicas fazem parte da rotina da sala de aula, portanto em momentos específicos para ouvir músicas, brincar de roda, brincadeiras rítmicas com movimentos corporais. Prof.3

Através dos projetos desenvolvidos na escola (mensalmente), a criança desenvolve a arte, o movimento e a musicalidade, cada projeto tem um tema, por exemplo, o folclore, aí tem o tema e as músicas próprias daquele tema, como foi o projeto sobre a violência, cada tema tem a música e a coreografia, cada tema tem a musicalidade e o desenvolvimento. PROF.4

Percebeu-se que o uso da música no dia a dia, a maioria das professoras usam apenas para marcar mudanças de momentos em sala de aula como, por exemplo, na acolhida, na chamadinha, na hora do lanche etc., no entanto apesar desses momentos serem importantes, a música vem sendo usada de forma mecânica e repetitiva, deixando de explorar todas as contribuições que a música pode trazer para a aprendizagem. Dentro da sala de aula são poucos os momentos destinados à música, em que Saraiva (2013, p.49) em sua pesquisa sobre música na educação infantil relata que:

Acredito que para esse momento seria importante acrescentar mais meia hora, pois apenas meia hora é pouco para o desenvolvimento da criatividade, interatividade, coordenação, entre outros aspectos, uma vez que dentro de sala de aula, essa “liberdade” não existe, é entrar e sentar e permanecer assim até o final, mesmo quando cantam.

Para que haja uma eficácia da música os professores devem estar empenhados, pois precisam conhecer os benefícios que a música proporciona para o desenvolvimento da criança por meio dos conteúdos que são próprios deste campo de conhecimento artístico/cultural, para que dessa maneira possa despertar o interesse dos alunos pela educação musical. A música está sempre presente nas brincadeiras, jogos, parlendas etc. e nestas atividades as crianças se sentem a vontade, tornando as atividades mais prazerosas, em que Saraiva (2013 p. 74) [...] “na qual a aquisição do saber se torna mais prazerosa e abrangente em fatores sociais e afetivos, mantendo-se ligada a diversas linguagens expressivas, como as artes visuais, o movimento, as expressões cênicas, entre outras”.

Brito (2010, p.92) descreve como a música deveria ser utilizada na educação. Segundo ela:

Não devemos (nem podemos) aprisionar a música em bancos escolares duros e imóveis. Música é movimento, aventura, criação, sensação, devir, e desse modo, considero, deve estar presente nos planos da educação. Respeitando tempos e lugares, alunos e comunidades, buscando singularizar as experiências que emergem em distintos contextos, sem as amarras dos modelos e dos sistemas estritos que, não raro, tendem a aprisionar o fato musical em algumas de suas regras. É necessário instaurar campos de criação, de experimento, de potencialização de escutas criativas, críticas e transformadoras, abertas às “muitas músicas da música”, às paisagens sonoras, aos planos da improvisação, do cantar e dançar, da pesquisa, da produção de materiais sonoros e muito mais.

Percebemos em suas falas que as professoras compreendem que a música na educação tem um papel importante para aprendizagem, mas ainda não está sendo usada em todas as suas dimensões no cotidiano escolar, pois as atividades com a música ainda são limitadas, não dando espaço para a criança criar, apreciar e refletir sobre as experiências musicais. Percebemos que a despeito do vasto repertório musical as atividades com a música se restringem apenas no ato de cantar as melodias já prontas, não quer dizer que o cantar não seja importante, mas a musicalização vai além da reprodução de meras reproduções com finalidades didáticas, o trabalho com a música deveria estar ligado principalmente as emoções, no qual a criança tivesse um momento de prazer ao ouvir, cantar, tocar e inventar sons e ritmos.

É notória a diversidade de música presentes na sociedade, com base neste aspecto, procurou-se saber como está o repertório musical das crianças. Sendo relatado pelas professoras que:

Muito bom, pois as crianças conhecem diversas músicas e se envolvem na hora de cantar as canções. Prof.1

Esta ótimo, pois há variedade de músicas, por isso não costumo repetir as mesmas músicas todos os dias. Prof.2

Infelizmente a mídia tem apresentado para as crianças músicas com conteúdos impróprios, mas não por falta de opção, se formos analisar nos veremos um número expressivo de músicas infantis que valorizam o tempo e a idade da criança. Prof.3

As crianças gostam tanto das músicas que quando a gente não canta, elas mesmas pedem e escolhem as músicas que querem cantar. A música está tão presente na educação infantil que as crianças gostam muito e cantam os sucessos do momento então o professor adapta fazendo as paródias para que as letras sejam condizentes com as idades das crianças, por exemplo, a música funk e que nos adaptamos para as crianças. Prof.4

O repertório de músicas infantil é muito vasto e possui uma grande riqueza cultural, pois existem canções infantis que são passadas de geração -a -geração e permanecem vivas até os dias atuais, no entanto percebemos a grande influência da mídia no repertório das crianças, pois é inegável a influencia que as músicas que são lançadas exercem sobre as crianças, pois os sucessos tocam a todo momentos em rádios, televisões, entre outros meios de comunicação, e muita das vezes as letras das músicas são improprias para as crianças.

Há que se pensar também que não só as crianças possuem repertórios limitados e que expressam a cultura de massa, mas as próprias professoras, haja vista que a música é conteúdo exposto tanto nas Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), quanto pelas Diretrizes Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013). Nesses termos é necessário que os professores assumam na música a possibilidade de aproximação com que servirá de referência para as suas atividades pedagógicas.

Um fato interessante a ser considerado foi a solução que a prof. 4 encontrou para tentar amenizar esse problema com as músicas que foi o uso das parodias, tentando usar apenas as melodias da música substituindo por letras apropriadas para as crianças. Esse é um movimento que consideramos interessante, mas o uso de músicas oriundas, por exemplo, do samba, da música popular brasileira, do cancionero popular, das músicas regionais são verdadeiros celeiros que expressam a cultura brasileira e as capacidades criativas dos nossos artistas.

Após conhecermos como anda os reportórios das crianças, conheceremos quais as possibilidades pedagógicas que pode ser desenvolvida por meio da música, conforme as professoras apontam que:

Várias. Prof.1

A música tem uma forma lúdica de se aprender e desenvolver. Podemos trabalhar por meio de fantoches, dramatizações musicais entre outras. Prof.2

A educação musical permite com canções e materiais concretos (instrumentos) que estimulam a percepção visual, auditiva e tátil. Prof.3

Através da música pode trabalhar a matemática, noções de higiene, trabalhar a socialização dos alunos, diferentes áreas do conhecimento por meio da música, a música na educação

infantil é fundamental para o ensino e aprendizagem dos alunos. Prof.4

De acordo com as professoras existem varias possibilidades de trabalho por meio da música como, por exemplo, para trabalhar a matemática, noções de higiene, socialização e diferentes áreas do conhecimento por meio de uma canção. Outro ponto a destacar é possibilidade de trabalhar a música por meio da ludicidade, com uso de fantoches e dramatizações e também com uso de instrumentos que possam estimular a percepção visual, auditiva e tátil. Porém é importante deixar claro que se a música no cotidiano escolar for usada apenas como forma de ensinar conceito como hábitos de higiene, noções matemáticas, entre outras, a música estará sendo desvirtuada, pois sua função principal que atingir o ser humano em sua totalidade por meio dos exercícios das sensações que se vinculam diretamente a dimensão cognitiva, psíquica, física, moral, afetiva e ética.

De acordo Bréscia (2003, p.81) “[...] além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o individuo”.

Sabe-se que há um leque de possibilidades pedagógicas para realizar trabalhos com a música, neste sentido, existem experiências positivas a partir do uso da música no processo de desenvolvimento das crianças. As professoras ressaltam que:

Sim. Prof.1

Todas as experiências realizadas com a música foram positivas, devido os alunos gostar muito de música, quando nos não os cantamos eles mesmos cantam sozinhos, por sentirem falta da música. Prof.2

Sim, pois quando as crianças ouvem a música reagem de maneira curiosa, apresentando a necessidade de explorar as variedades sonoras. Prof.3

Sim, ela desenvolve a interação, justamente o movimento da criança, tem criança que não consegue ter uma boa coordenação motora, mas com a musicalidade ela conseguiu se desenvolver, no aspecto social, na fala, nos movimentos, as vezes ela conseguiu se comunicar através da música, ela não fala mas ela se movimenta, ela pula ela dança. Também auxilia no conhecimento lógico matemático no qual se trabalha os jogos com o uso da música. Prof.4

Em todas as falas das professoras, percebemos que há varias experiências positivas com uso da música, pois conseguiram desenvolver os aspectos sociais, da comunicação e dos movimentos. A música para a criança faz parte da vida de maneira completa, faz parte na hora das brincadeiras, dos jogos, dos momentos familiares entre outros que a faz parte da vida em vários momentos. A música faz parte do todo na vida da criança. Schroeder (2011, p.109-110) fortalece essa assertiva quando assume o entendimento de que:

A música, para a criança bem pequena, é inicialmente parte da vida como um todo, não se diferencia de outras atividades por ela vivenciadas. Quando ela inicia a chamada fase do “faz de conta”, por volta de 3 ou 4 anos, a música começa a fazer parte desse mundo imaginário e as realizações musicais são carregadas de fantasia e ludicidade. Só num terceiro momento, já próximo da idade escolar, a música passa a fazer sentido como atividade quase autônoma em relação à vida e ao jogo. Uma autonomia total da música, porém, seria muito difícil, senão impossível, para crianças em idade pré-escolar, já que exigiria, entre outras coisas, um grau elevado de abstração da linguagem musical (só possível, talvez, para os próprios músicos).

Quando questionadas acerca das contribuições da música no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças na educação infantil, o que as professoras responderam expressam questões que assumimos como pano de fundo em relação à importância dessa linguagem. Dentre essas questões aparecem os seguintes destaques:

A música contribui para aprendizagem do aluno. Prof.1

A música além de desenvolver a oralidade, comunicação também desenvolve a imaginação e a criatividade dos alunos.prof.2

A música na educação infantil no que concerne ao desenvolvimento cognitivo contribui em grandes proporções, pois exige do aluno uma atenção por períodos mais longos, portanto ativa a concentração e desenvolve o aspecto sensório-motor da criança. Prof.3

No cognitivo, às vezes a criança não sabe ler, mas aprendem através da música, por exemplo, a música dos índiozinhos que as crianças identificam os números por meio da canção. Também aprendem a respeitar, e também conhecimentos de várias áreas. Também auxilia na disciplina dos alunos e para acalmar quando elas estão muito agitadas.Prof.4

Questões como oralidade, comunicação, imaginação, criatividade, concentração, respeito ao outro, disciplina expressam algumas das muitas

possibilidades que se manifestam por meio do uso da música na educação de crianças da Educação Infantil, pois se tomarmos como exemplo a ideia de que a criança apesar de não ter o domínio da língua escrita consegue aprender ou identificar os elementos presentes na canção, pois assim ele pode aprender de forma mais prazerosa. Nesses teremos:

As cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância... Os momentos de troca e a comunicação sonoro-musicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculos fortes tanto com os adultos quanto com a música. (BRITO, 2003, p. 35)

A música é um elemento importante na aprendizagem, pois a criança desde a tenra idade já entra em contato com a música e através dela as crianças fazem descobertas relacionadas ao seu universo e fortalecem os laços familiares e com outros coletivos, a exemplo da escola. A música traz elementos capazes de auxiliar a criança no desenvolvimento linguístico, emocional, cognitivo entre outros aspectos, pois permite ao aluno a possibilidade de criar, aprender e expor suas potencialidades. Outro aspecto é a evolução da percepção auditiva, pois esta é muito importante para o desenvolvimento da comunicação e da socialização. Por meio da música a criança pode expressar e também manifestar seus sentimentos, além de enriquecer culturalmente por meio das canções que fazem parte do repertório musical brasileiro.

Sobre a atuação da música no desenvolvimento do aspecto sensório-motor da criança, é importante ressaltar que é a partir da motricidade que as outras percepções são formadas. De acordo com Schroeder (2011p. 110) “com o avanço no desenvolvimento, a percepção vai se libertando do movimento [...] esse atrelamento de maneira bastante acentuada, o que permite que observemos suas formas de percepção a partir de suas respostas corporais”.

Segundo Jeandot (1993. p. 133) “além da competência técnica, o professor deve ser criativo. A necessidade de criar é comum a todas as crianças, que, ao interagirem com o mundo, constroem seu conhecimento. O professor deve aproveitar essas características das crianças e proporcionar experiências satisfatórias com a música”.

Para Carvalho (1997, p.34) “A musicalização infantil desenvolve na criança os campos: físico, mental, cognitivo e emocional. A música como linguagem pode expressar ideias e sentimentos”.

Já afirmamos que a música em variados aspectos do desenvolvendo das crianças da Educação Infantil atua de modo amplificador das suas capacidades, dentre esses aspectos as contribuições da música no processo de socialização das crianças na educação infantil também se fizeram presente como categoria de discussão e análise. Em relação a essa questão as Professoras se posicionam da seguinte maneira:

*A música ajuda a criança **interagir com os outros alunos e com o professor.** Prof.1*

*Os alunos quando estão cantando, **eles aprendem a noção do respeito, da socialização, da afetividade** que deve está sempre presente no cotidiano, na escola, em casa e na sociedade. Prof.2*

*As contribuições acerca do processo de socialização das crianças é notória a medida que a criança **estabelece relações entre a música e as relações interpessoais, desenvolve o vínculo afetivo entre as mesmas.** prof.3*

*Na primeira semana de aula a criança esta na fase de adaptação, então o professor joga as figuras no meio da sala e canta a musiquinha como, por exemplo, do elefante grandão em que a professora canta a música e chama o nome da criança e a criança vem fazendo os comandos que a música pede. **Através das músicas as crianças interagem com os professores e também com os demais coleguinhas.** Prof.4*

Segundo o relato das professoras a música favorece a socialização entre alunos e também com os professores, além de fortalecerem a dimensão afetiva, sendo reafirmado por Ferreira, Gentil e Fantacini (2017 p.74) [...] as atividades musicais coletivas favorecem socialização infantil, cooperação e autoestima e, quando a participação nessa atividade possui o mesmo objetivo, o conceito de cooperação se torna mais forte, formando a consciência de um grupo, e não indivíduo.

Por intermédio dessas atividades em grupo é possível promover a interação de todas as crianças até mesmo daquelas mais tímidas, pois nas “atividades com a música, sentindo-se segura ao demonstrar suas emoções e expressões corporais,

desenvolvendo o sentimento de autorrealização”. (FERREIRA, GENTIL E FANTACINI, 2017, p.74)

Vale destacar que ao usar as canções que utilizam os nomes dos alunos como a música “O elefante grandão” as professoras estão proporcionando meios para seja formados a identidade e a socialização dos mesmos, além de ser um momento muito prazeroso para as crianças. Essa atividade por meio da música também faz com que os alunos aprendam os nomes dos demais alunos.

Com base nas discussões relacionadas à importância e as dimensões onde a música pode atuar no desenvolvimento das crianças da Educação Infantil ficou evidente que seu papel pedagógico é multidimensional. Ela – a música – não se restringe a essa ou aquela dimensão, mas conforme a fala das professoras, na dimensão afetiva, rítmica, cognitiva, da socialização, além que contribuir com o ensino dos conteúdos de outros campos de conhecimento. Assim, pela música abrimos possibilidades de garantir às crianças da Educação Infantil o direito de se desenvolverem plenamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao enveredar por este caminho de produção do conhecimento científico por meio de Trabalho de Conclusão de Curso eu não só tive a possibilidade de ampliar minha compreensão em relação ao papel da música para a humanidade, mas também de despertar o desejo que buscar maiores aprofundamentos que podem contribuir com o fortalecimento da arte enquanto área de conhecimento constituída das linguagens da música, da dança, do teatro, das artes visuais e da literatura. Tomo esse posicionamento por entender que a vida sem música se transformaria em um SILÊNCIO capaz de adoecer a humanidade. A música é movimento, é expressão, é cultura, é prazer, é descoberta, é lógica, é devaneio. Ela é o que desejar ser aos ouvidos ou aos dedos/mãos/braços e boca de quem ousar descobrir seus mistérios.

A partir desta pesquisa foi possível avaliar a percepção de quatro educadoras em relação ao modo como a música contribui para a aprendizagem na educação infantil, tendo sido alcançado como resultado que a música é um elemento essencial para a formação das crianças, visto que ela pode ser usada como facilitadora da aprendizagem e também e como auxiliar no desenvolvimento das áreas cognitivas, psicomotoras, linguísticas, afetivas e social.

Os objetivos estabelecidos foram alcançados, já que conseguimos responder as questões referentes ao uso da música no dia-a-dia do cotidiano escolar infantil e assim como as contribuições para o processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo e da socialização dos alunos. No entanto ao analisar as respostas das professoras, foi possível perceber que apesar de considerarem a música importante na educação infantil, não possuem um aprofundamento sobre o tema, pois quando indagadas sobre algumas contribuições da música para o desenvolvimento das crianças deram respostas superficiais ou não souberam responder, principalmente nos aspectos do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Esse fato deve ser levado em consideração visto que as professoras entrevistadas não possuem formação para trabalhar a música na educação infantil, o que dificulta um trabalho com a música, mas também não impede de que o educador busque se informar e obtiver conhecimento, para contribuir de maneira satisfatória para a educação dos alunos. Percebemos com isso que a educação precisa ser repensada a fim de garantir os direitos dos alunos em ter acesso a essa

expressão da linguagem artística que é tão importante para a formação do sujeito crítico e autônomo.

E por meio desta pesquisa, fica aberto espaço para um debate acerca da mudança nos currículos do ensino superior buscando atender as necessidades e desafios que os professores enfrentam em relação ao uso da música, visto que nos cursos superiores não existe uma disciplina específica para se trabalhar a música na educação infantil.

Chego ao final desse exercício de produção, reflexão, em alguma medida de experimentação do ato criativo ladeado pelo prazer/desprazer com o sentimento de dever cumprido, com a sensação de quem embora existam questões que poderiam ser tratadas, mas que dada a minha finitude, falibilidade e incompletude não é possível atender a inteireza de nenhuma produção dessa ou de outra natureza. As lacunas que ficam funcionam como impulsos promotores de outras possibilidades de produção que podem ser continuada por mim mesma ou por outros que acreditarem no potencial reflexivo da música no contexto acadêmico.

Deixo aqui minhas marcas que são oriundas do lugar de quem toca um órgão que em muitos momentos se transforma em um pedaço de mim, de quem passou por um processo de formação universitária para formação docente e que traz na esteira de tempo muitas vivências acadêmico-científicas, mas também afetivas. Tomo a música aqui como expressão do meu melhor de mulher, de futura professora, de musicista, de mãe, amiga, etc., pois como diz o poeta “Eu fico com a pureza das respostas das crianças. É a vida, é bonita e é bonita. Viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz. Ah! Meu /Deus eu sei que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita, é bonita, é bonita e é bonita” (GONZAGUINHA).

REFERÊNCIAS

ALFANDÉRY, Hélène Gatiot. **Henri Wallon** / tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 2010. 134 p.: il. – (Coleção Educadores).

ANJOS, Francisco Valdinei dos Santos. **O ENTRE-LUGAR E O NÃO LUGAR DA DOCÊNCIA**: representações sociais de professores de dança. 350 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. Belém-PA, 2014.

ARMSTRONG, Thomas. **Inteligências múltiplas na sala de aula**. Prefácio Howard Gardner. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964. Obras completas v. 13.

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Org.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal; Ed. 70, 1977.

BARRETO, Ângela M. R. **Situação atual da educação infantil no Brasil**. In:

BEYER, Esther. **A abordagem cognitiva em música**: uma crítica ao ensino da Música a partir da teoria de Piaget. 1988. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre.

BOGDAN R, BIKLEN S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora; 1994.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº 9.394/96. Brasília: Editora do Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil. v. 2. Coordenação Geral de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Volume 6 - Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL; **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-1934-16-julho-1934-365196-publicacaooriginal-1-pl.html> acessado em 09/08/18.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação**. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA–IBGE. w.w.w ibge.gov.br. Consulta realizada em 03/08/18.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

BRITO; T. A. **Música na educação infantil** – propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Editora Petrópolis, 2003.

BRITO; Teca Alencar de. Ferramentas com brinquedos: a caixa da música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 24, 89-93, set. 2010.

CARVALHO, Mônica Fontanari de. **Pré-escola da música: musicalização infantil**. Curitiba: Martins Fontes, 1997.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 1995.

Conferência Nacional da Educação Disponível em: http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/educacao_brasileira_indicadores_e_desafios.pdf acessado em: 11/08/18.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio, para onde vai. In: **Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v 18, n. 73. Brasília, 2001. p11-28.

- DOHME, V. **Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado.** 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- FERREIRA. Luiza Evangelista da Silva, GENTIL. Maria Laura, FANTACINI. Renata Andrea Fernandes. **As contribuições da Educação Musical para o desenvolvimento infantil.** Educação, Batatais, v. 7, n. 3, p. 63-80, jan./jun. 2017.
- FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- FONTEERRADA, Mariza Trench de Oliveira. **Ciranda de sons: práticas criativas em educação musical.** 1 ed.- São Paulo editora UNESP, 2015.
- FRANCO, Marília L.P.B. **Análise de Conteúdo.** 3.ed. Brasília: Liber Livros, 2008.
- FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 1992.
- GALLET, Luciano. **Estudos do Folclore.** Rio de Janeiro: editora Brasil. 1934.
- GHIRALDELLI JR, Paulo. **História da educação no Brasil.** São Paulo, Cortez: 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Érica Dias. **Brincando com sons: o lúdico na educação musical.** 2 ed. Guarapuava-PR: UNICENTRO, 2015.v.1.62p.
- JEANDOT, Nicole. **Explorando o Universo da Música.** São Paulo: Scipione, 2^o ed, 1993.
- JOLY, Ilza, Zenker, Leme, (2003). **Educação e educação musical: conhecimentos para compreender a criança e suas relações com a música.** In:____. HENTSCHKE, L; DEL BEN, L. (Orgs.). Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Ed. Moderna. Cap. 7.
- KIEFER; Bruno: **Historia da música brasileira: dos primórdios ao sec. XX.** Porto Alegre. Ed. Movimento, 1976.

LIMA, Ailen Rose B. de; STENCEL, Ellen de Albuquerque B. Vivência musical no contexto escolar. **Música na educação básica**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, setembro de 2010.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MANACORDA, M.. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do Ensino da Arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MILANEZI, Fabricia Maria: **Direitos Humanos das Crianças e dos Adolescentes e as Políticas Públicas no Brasil**: de Fernando Henrique a Lula. Programa de Doutorado Passado e Presente dos Direitos Humanos, Vniversidad d Salamanca, 2015.

NASCIMENTO, Sônia A. **Ensino de Música na Educação Básica**: Estudo Analítico de Dados e Contribuições. Rio de Janeiro 17 de junho de 2013.

NISKIER, Arnaldo. **Educação Brasileira**: 500 anos de História. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2001.

NOGUEIRA, Monique Andries. **Música, consumo e escola**: reflexões possíveis e necessárias In PUCCI, Bruno et al (org.) Teoria crítica, estética e educação. Campinas/Piracicaba: Autores Associados/UNIMEP, 2001.

OLIVEIRA, Amanda Melissa Bariano de.: **Educação e Religião no Brasil do século XVII: Padre Antônio Vieira e a escravidão**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá-PR, 2012.

PLEKHANOV, George.: **A arte e a vida social**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1964.

RICHARDSON, R. J et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 3ª edição, 1999.

ROSA, N. S. S. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.

SANTOS, Mariele Mota dos.: **A perda da significação da arte na sociedade capitalista**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Cênicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SARAIVA; Rosângela Martins. **Música na Educação Infantil**. Brasília-DF. Tese apresentada a Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UNB/Universidade Aberta do Brasil – UAB, 2013.

SCHAAN, Denise Pahl. **A Arte da cerâmica Marajoara**: Encontros entre o passado e o presente, Goiânia, v. 5, n.1, p. 99-117, jan./jun. 2007

SCHROEDER; Silvia Cordeiro Nassif, Jorge Luiz. As crianças pequenas e seus processos de apropriação da música. **Revista da ABEM**. Londrina, v. 19, n. 26.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23^aed. São Paulo: Cortez, 2007.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Múltiplas Inteligências na Prática Escolar**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

TABOSA, Adriana. **A perda do conceito original de arte**. Oficina Cinema- História, Copyright ©, 2005.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánches. **As ideias estéticas de Marx**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

APÊNDICE



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA
PÓLO MÃE DO RIO

Pesquisadora: Ana Maria Leal dos Reis Nascimento

Objetivo da Pesquisa: Investigar de que maneira a musicalização contribui na aprendizagem na educação infantil.

Orientador: Prof. Dr. Francisco V. dos Santos Anjos

Local da Pesquisa: E.M.E.I. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

QUESTIONÁRIO

1 - Idade: _____ 2 - Tempo de serviço: _____

3 - Tempo de atuação profissional: _____

4 - Formação Inicial (Graduação) _____

5 - Especialização: _____

6 - Mestrado: _____

7 - Doutorado: _____

8 - Pós-Doutorado: _____

9 - Cursos de Formação Continuada na área da Educação Infantil:

10 - Média salarial: _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1. Qual a sua visão da música na educação infantil?**
- 2. A música pode ser um meio facilitador da aprendizagem? Como?**
- 3. Como acontecem as atividades envolvendo a música na educação infantil?**
- 4. Em sua opinião como está o repertório musical das crianças atualmente?**
- 5. Que possibilidades pedagógicas podem ser desenvolvidas por meio da educação musical?**
- 6. Existem experiências positivas a partir do uso da música no processo de desenvolvimento das crianças? Quais?**
- 7. Que contribuições a música apresenta no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças na educação infantil?**
- 8. Que contribuição à música apresenta no processo de socialização das crianças na educação infantil?**